

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS - MAIO DE 1990



A LIAHONA

MAIO 1990



DESTAQUES

3
MENSAGEM DA
PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
TUDO O QUE O PAI TEM
PRESIDENTE
THOMAS S. MONSON

8
MEU MISSIONÁRIO
NÃO-MEMBRO
CHERRY L. MORROW

10
SOMOS MUITO ABENÇOADOS
BENIGNO PANTOJA

17
CASAIS MISSIONÁRIOS
ÉLDER
M. RUSSELL BALLARD

22
CADA MEMBRO É UM
MISSIONÁRIO:
PASSOS SIMPLES PARA
COMPARTILHAR O EVANGELHO

34
AMOR FRATERNAL
DON L. SEARLE

38
COMEÇAR AS COISAS
RICHARD DANIELS

CAPA: FOTOGRAFIA DE
CRAIG DIMOND

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

25
PREPARAÇÃO PARA
A MISSÃO

COMECE AGORA!

ESCRITURAS QUE DEVO SABER

VESTUÁRIO E APARÊNCIA

**COMO RECEBO UM CHAMADO
PARA A MISSÃO?**

O QUE LEVAR

CORTESIA NA IGREJA

**PROGRAMA DIÁRIO DO
MISSIONÁRIO**

31
PERGUNTAS E
RESPOSTAS
**PODERIA EU SER UM
MISSIONÁRIO?**

42
FICÇÃO
O PROJETO WILLARD WATTS
ALMA J. YATES

DEPARTAMENTOS

1
COMENTÁRIOS

24
MENSAGEM DAS
PROFESSORAS
VISITANTES
LEMBRAR-SE DELE SERVINDO

33
MENSAGEM MÓRMON
COMBATA A FOME

SEÇÃO INFANTIL

2
A LANTERNA, O BOLINHO DA
LUA, E O LIVRO
NANETTE LARSEN
DUNFORD

5
SÓ PARA DIVERTIR
REUNIÃO DE FAMÍLIA
SUSAN MEEKS

QUAL PALHAÇO?
ROBERTA L. FAIRALL

SAINDO PARA A MISSÃO
ERMA REYNOLDS

6
DE UM AMIGO PARA OUTRO
ÉLDER
DEREK A. CUTHBERT

8
JOVEM MISSIONÁRIO
JON B. FISH

10
TEMPO DE
COMPARTILHAR
POSSO RECEBER RESPOSTAS
ÀS ORAÇÕES
LAUREL RÖHLFING

12
EXATAMENTE COMO SARA
CLARE MISHICA

14
HISTÓRIAS DO LIVRO
DE MÓRMON
O SONHO DE LÉHI

A LEITURA EDIFICA O TESTEMUNHO

Senti-me inspirado a escrever e dizer-lhes que sei que vocês têm um grande trabalho a realizar. Nosso Pai Celestial lhes deu um maravilhoso espírito para guiá-los na obediência ao evangelho enquanto trabalham para ele. O trabalho dele é vitorioso e triunfante não importa aonde vá.

Deus age de muitas formas, e uma das maneiras como me ajudou foi abençoando-me com um amor pela leitura e por meio da literatura da Igreja, tal como a *Liahona* (espanhol). Tenho aprendido sobre a fé, paciência, piedade, o autocontrole, e o puro amor de Cristo. É importante para mim que hoje, como na época de Joseph Smith, Deus nos revela sua palavra. Mais que tudo, sou feliz por eu e minha família pertencermos à Igreja voadora.

Jose Eduardo Molina Gatica

Maio de 1990, Vol. 43, nº 5
PBMA9005PO - São Paulo -
Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

Internacional Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

*Cidade da Guatemala,
Guatemala*

REVISTA MISSIONÁRIA

É um privilégio e prazer ter a *Liahona* (espanhol) e ler as mensagens e testemunhos das Autoridades Gerais. Elas nos falam a respeito de profecias e bênçãos. Sei que cada uma das Autoridades Gerais que escreve para a *Liahona* tem um forte testemunho do evangelho.

Sempre que viajo, levo comigo, minha revista favorita, nunca deixo esta revista inspirada em casa.

A *Liahona* chegou às minhas mãos antes do Livro de Mórmon. Lembro-me de que, na década de 60, quando minha filha estava com hepatite, os missionários a visitaram e deram-me uma revista para que ela a lesse. Quando eu a li, fiquei impressionada com a mensagem do Presidente David O. McKay, "Nenhum sucesso na vida pode compensar o fracasso no

Diretor de Arte:

Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp
Controlador: Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 300,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exte-

rior" (Conferência Geral, abril de 1964). Esta mensagem fez-me pensar no lar em que eu crescera.

Queridos irmãos, sei que lendo as mensagens inspiradas na revista, fortaleceremos nossa fé. Sei que elas são escrituras e revelações para guiar-nos em nossa vida.

Mercedes Godoy de Pantoja

Ala La Florida 2

Estaca Santiago La Florida Chile

COMPARTILHANDO O LIVRO DE MÓRMON

Dentre as coisas que trazem felicidade à minha vida está minha edição mensal do *Songdo Wi Bot* (*O Amigo dos Santos* em coreano). Em suas páginas, posso ler as palavras inspiradas reveladas por nosso Pai Celestial a um profeta vivente.

Nas páginas da revista, li a admoestação de que "inundássemos a terra" com o Livro de Mórmon — compartilhando-o com nossa amizade e testemunho. Então fiz

o mesmo com o Livro de Mórmon, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 25,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impresoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A *Liahona*, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não

uma meta de dar durante este ano cem exemplares do Livro de Mórmon -com a foto de minha família e com meu testemunho incluso— para meus colegas de trabalho não-membros e para os missionários de ala.

Creio sem dúvida que as palavras do profeta refletem a vontade do Senhor no que diz respeito a nós, e sei que quando obedego a suas palavras, o Senhor nos abençoará.

Lee, Ho Sang

Estaca Seul Norte Coréia

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leais leitores e os convidamos a nos enviarem suas cartas, artigos, e histórias. (Favor incluir seu nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito.) Apreciamos as cartas que já recebemos e aguardamos com prazer mais cartas de nossos leitores no futuro. □

obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.



PINTURA DE MINERVA TEICHERT. "A PRIMEIRA VISÃO".

MENSAGEM
DA PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA

TUDO O QUE O PAI TEM

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON
SEGUNDO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA

Há alguns anos, quando nosso filho mais novo, Clark, estava para completar doze anos, ele e eu estávamos saindo do Prédio da Administração da Igreja quando o Presidente Harold B. Lee se aproximou e nos cumprimentou. Eu disse ao Presidente Lee que Clark logo faria doze anos, e então o Presidente Lee perguntou-lhe: “O que acontecerá com você quando fizer doze anos?”

Clark, sem hesitar, disse ao Presidente Lee: “Serei ordenado diácono!”

Era essa a resposta que o Presidente Lee buscava. Ele então aconselhou nosso filho: “Lembre-se, é uma grande bênção ser portador do sacerdócio.”

Espero de todo coração e alma que Clark e todos os jovens que recebem o sacerdócio honrem esse sacerdócio e sejam fiéis à confiança depositada quando ele é conferido.

O Presidente David O. McKay falou a um grupo de oficiais da Igreja certa

**O SACERDÓCIO, MUITO
MAIS QUE UM DOM, É UM
COMISSIONAMENTO PARA
SERVIR, UM PRIVÍLEGIO DE
EDIFICAR E UMA OPORTUNI-
DADE DE ABENÇOAR A VIDA
DE OUTRAS PESSOAS.**

ocasião, e deu conselhos relacionados ao poder do sacerdócio. Ele declarou que, enquanto viajava em um navio, um outro passageiro se aproximou dele e perguntou se ele era líder de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quando o Presidente McKay confirmou, o interlocutor perguntou qual crença em particular distinguia os ensinamentos da Igreja dos ensinamentos de qualquer outra fé. O Presidente McKay nos disse que, a princípio, pensou em dizer que a autoridade divina era a crença que tornava a Igreja diferente. Depois percebeu que havia outros que acreditavam na autoridade divina, como os católicos, os cópticos, e os membros da Igreja Ortodoxa Grega. A autoridade divina, por si só, não era a resposta completa para a pergunta.

O Presidente McKay disse que, então, foi inspirado a dizer: “Aquilo que diferencia as crenças da minha igreja das crenças das outras é a autoridade divina por revelação direta.”

Irmãos, nossas almas se enchem de gratidão quando nos lembramos dos acontecimentos daquele “lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte”, quando o jovem Joseph Smith se retirou para o bosque para orar. Suas palavras que descrevem aquele momento na história são muito tocantes: “Vi dois personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este É o Meu Filho Amado. Ouve-O*” (JS 2:14, 17). Que exemplo magnífico de autoridade divina por revelação direta!

Nossos pensamentos se voltam para a visita de outro mensageiro celestial, João Batista, em 15 de maio de 1829. Lá, às margens do rio Susquehanna, perto de Harmony, Pennsylvania, João impôs as mãos sobre Joseph Smith e Oliver Cowdery e os ordenou, dizendo: “A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados” (D&C 13:1). O mensageiro anunciou que agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que detinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque. Seguiram-se a ordenação e o batismo. Mais um exemplo de autoridade divina por revelação direta.

No devido tempo, Pedro, Tiago e João foram enviados para conceder as bênçãos do Sacerdócio de Melquisedeque. Esses apóstolos enviados pelo Senhor ordenaram e confirmaram Joseph e Oliver apóstolos e os designaram testemunhas especiais de seu nome. Autoridade divina por revelação direta caracterizou esta visita sagrada.

Como resultado dessas experiências, todos nós temos a obrigação—até mesmo a oportunidade sagrada e o dever solene—de sermos fiéis ao encargo que recebemos.

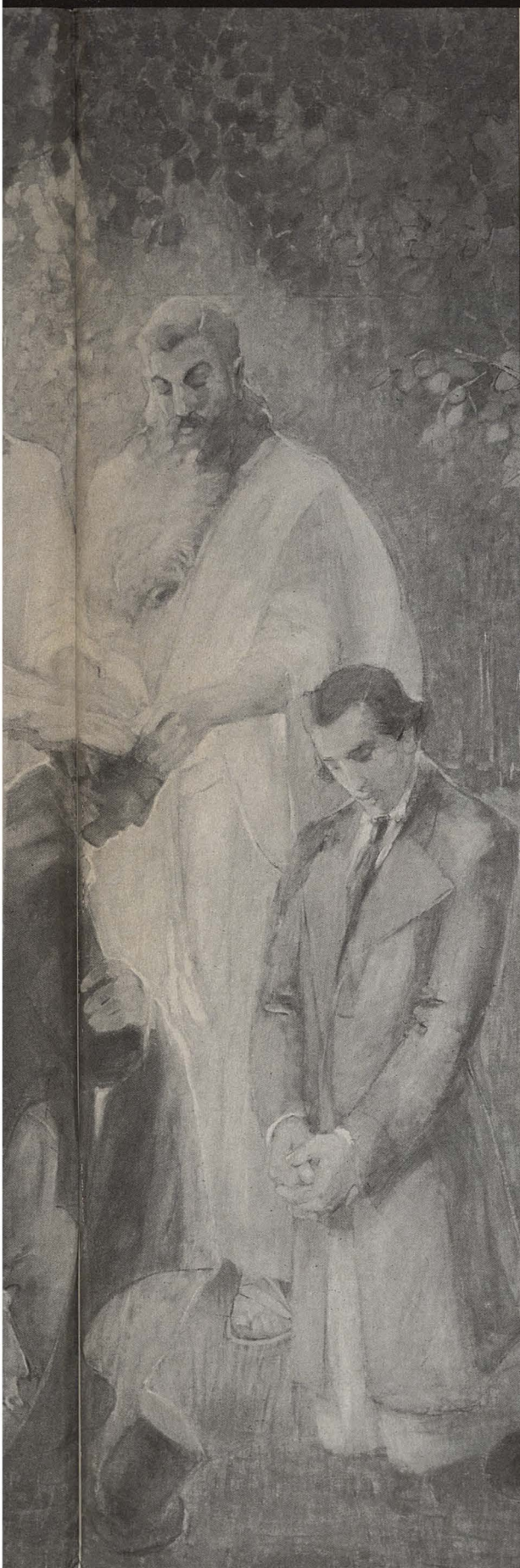
O juramento e convênio do sacerdócio pertence a todos nós. Para os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, esse juramento é uma declaração de nossa obrigação de sermos fiéis e obedientes às leis de Deus e de magnificarmos os chamados que recebermos. Para os portadores do Sacerdócio Aarônico, é um pronunciamento relacionado com seu futuro dever e responsabilidade, para que possam preparar-se aqui e agora.

Esse juramento e convênio é descrito pelo Senhor nestas palavras:

“Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito



PINTURA DE MINERVA TEICHERT. "PEDRO, TIAGO, E JOÃO ORDENANDO JOSEPH E OLIVER"



para a renovação de seus corpos.

Eles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus.

E também todos os que recebem este sacerdócio, a mim me recebem, diz o Senhor;

Pois aquele que recebe os meus servos, a mim me recebe;

E aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai;

E aquele que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo que meu Pai possui ser-lhe-á dado” (D&C 84:33–38).

Certa vez, perguntaram a Joseph Smith: “Irmão Joseph, o senhor frequentemente nos admoesta a magnificarmos nossos chamados. O que significa isso?” Acredita-se que ele respondeu: “Magnificar um chamado é cumpri-lo em dignidade e importância, de modo que a luz dos céus possa brilhar aos olhos dos outros homens através de nossa atitude. Um élder magnifica o seu chamado quando aprende quais são os seus deveres como élder e então os cumpre.”

O privilégio e a oportunidade de magnificar nossos chamados podem surgir de maneira inesperada. Quando eu era diácono, lembro-me de estar no primeiro banco na capela, com outros diáconos, enquanto os sacerdotes se preparavam para abençoar o sacramento. Um dos sacerdotes, cujo nome era Leland, tinha uma voz “de ouro”. Quando ele proferia a oração na mesa do sacramento, as palavras eram claramente pronunciadas e muito bem faladas. Muitas pessoas costumavam cumprimentá-lo quando a reunião terminava. Acho que ele se tornou um pouco orgulhoso.

Certo dia, um outro sacerdote, chamado John, sentou-se com Leland. John tinha uma deficiência auditiva e, junto com isso, um problema de fala. Suas palavras eram, de certa forma, difíceis de entender. Frequentemente, nós, diáconos, costumávamos rir em silêncio quando John orava.

O pão foi partido, o hino foi cantado. Todos inclinaram a cabeça e Leland se preparou para orar. Não ouvimos ninguém pronunciar uma palavra. O silêncio parecia eterno. Abri os olhos e vi Leland procurando desesperadamente o cartão em que as palavras da oração estavam escritas. Não consegui achar o cartão em lugar nenhum. Outras pessoas começaram a abrir os olhos e a levantar a cabeça, querendo saber o que estava acontecendo.

Então, John, que tinha problemas de audição e fala, adiantou-se, delicadamente fez Leland afastar-se para o lado, ajoelhou-se e, de memória, proferiu as palavras daquela oração familiar: “Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este pão, para as almas de todos os que partilharem dele . . .” (Morôni 4:3). Ele não esqueceu uma única palavra.

Quando saímos da capela naquele dia, Leland disse a John: “Agradeço do fundo do coração por ter-me ajudado hoje.”

John respondeu: “Somos ambos sacerdotes do mesmo quorum cumprindo nosso dever.”

Este sacerdote, magnificando seu chamado, mudou vidas, alterou perspectivas e ensinou uma lição eterna: Aquele que é chamado por Deus, é qualificado por Deus.

O sacerdócio, muito mais que um dom, é um comissionamento para servir, o privilégio de edificar, e uma oportunidade de abençoar a vida de outras pessoas.



PINTURA DE MINERVA TEICHERT. "RESGATE DO CORDEIRO"

Muitos dos jovens que conheço desejam tornar-se parte da sociedade dos adultos. Que possamos nós, que temos responsabilidades para com os jovens do Sacerdócio Aarônico, dar-lhes oportunidade de aprender, mas dar-lhes também exemplos a serem seguidos.

Para nós, portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, o privilégio de magnificar nossos chamados está sempre presente. Somos pastores cuidando de Israel. As ovelhas famintas realmente olham para nós, prontas para serem alimentadas com o pão da vida. Estamos preparados para alimentar o rebanho de Deus? É absolutamente necessário que reconheçamos o valor de uma alma humana, que nunca desistamos de ajudar um de seus preciosos filhos.

Os milagres podem acontecer em toda parte, quando os chamados do sacerdócio são magnificados. Quando a fé substitui a dúvida, quando o serviço altruísta elimina o empenho egoísta, o poder de Deus realiza os propósitos do Pai.

Há cerca de oito anos, na distante Dresden, cidade da República Democrática Alemã, visitei, em companhia de alguns membros, um pequeno cemitério. A noite estava escura, e uma chuva fria havia caído durante todo o dia.

Nós havíamos ido àquele local para visitar o túmulo de um missionário que muitos anos antes morrera enquanto servia ao Senhor. Todos ficamos em profundo silêncio quando nos reunimos em torno do túmulo. Com uma lanterna iluminando a lápide da sepultura, li a inscrição:

Joseph A. Ott

Nascido a 12 de Dezembro de 1870—Virgín, Utah

Falecido a 10 de Janeiro de 1896—Dresden, Alemanha
(Vide “No Tempo do Senhor”, C. Eric Ott, *A Liahona*, maio de 1989, p. 7.)

Então a luz revelou que essa sepultura era diferente de todas as outras do cemitério. A lápide havia sido polida, as ervas que cobriam as outras sepulturas haviam sido cuidadosamente removidas, e havia em seu lugar um canteiro de grama cuidadosamente aparada e algumas flores que mostravam cuidado e amor. Perguntei: “Quem deixou essa sepultura tão bonita?” Minha pergunta foi recebida com silêncio.

Por fim, um diácono de doze anos reconheceu que ele desejara assumir essa responsabilidade e, sem que os pais ou os líderes lhe pedissem, havia feito aquilo. Ele disse que simplesmente quis fazer alguma coisa por um missionário que deu a vida enquanto estava a serviço do Senhor. Disse ele: “Nunca poderei cumprir uma missão, como fez meu pai (devido às leis vigentes no país). Sinto-me perto da obra missionária quando cuido desta sepultura onde descança o corpo de um missionário.”

Chorei em respeito por sua fé. Lamentei sua impossibili-

dade de realizar seu maior desejo—servir como missionário. Deus realmente ouviu sua oração. Atentou para sua fé. Ele honrou alguém que magnificou o chamado de diácono.

Vários anos se passaram depois daquela noite especial em Dresden. Muitas mudanças significativas ocorreram na República Democrática Alemã. Um templo de Deus adorna o país, capelas abrigam alas e estacas, e o programa completo da Igreja abençoa a vida dos membros. Na quinta-feira, 30 de março de 1989, os primeiros missionários da Igreja nos últimos cinquenta anos atravessaram a fronteira para entrar na República Democrática Alemã. Os pesquisadores já estão sendo ensinados e os primeiros batismos foram realizados.

E quanto ao rapaz que carinhosamente cuidou da sepultura de Joseph Ott? Bem, Tobias Burkhardt, que então era diácono, é um élder agora. No dia 28 de maio de 1989 ele e mais nove companheiros entraram no Centro de Treinamento Missionário, os primeiros de seu país a servirem como missionários no exterior. Quando lhe perguntaram sobre seus sentimentos nesse momento especial, ele respondeu: “Estou ansioso por cumprir minha missão. Trabalharei diligentemente para que Joseph Ott possa, por meu intermédio, cumprir ainda uma missão terrena.”

Irmãos, o espírito de Joseph Ott há muito foi levado para aquele Deus que lhe deu a vida. Seu corpo repousa naquela sepultura tranqüila e bem cuidada, na distante Dresden, mas seu espírito missionário ainda vive no serviço a ser prestado por um élder fiel—o mesmo diácono que há tanto tempo aparou a grama, arrumou as flores, poliu a lápide de Joseph Ott, e sonhou com a obra missionária que então lhe era negada e agora lhe foi concedida.

É minha oração que nosso Pai Celestial possa sempre abençoar, inspirar, e guiar todos os portadores de seu precioso sacerdócio. □

Extraído de um discurso proferido no Serão de Comemoração do Sacerdócio realizado no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.

..... IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Que crença específica diferencia os ensinamentos da Igreja dos ensinamentos de qualquer outra fé?
2. O Presidente Monson fala a respeito dos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque: “O privilégio de magnificar nossos chamados está sempre presente. Somos pastores cuidando de Israel.”
3. Como Joseph Smith explicou o significado de “magnificar” os chamados do sacerdócio?
4. Que grandes promessas do Senhor são descritas no juramento e convênio do sacerdócio?

Quando eu era uma jovem mãe, sentia profundamente que meu marido e eu devíamos levar nosso filho à igreja. Embora nunca tivéssemos discutido sobre religião, ambos acreditávamos em Deus. Assim, eu orei, não muito freqüentemente a princípio, para que Deus me ajudasse a saber qual igreja freqüentar.

Eu freqüentara a igreja quando menina. Minha mãe morrera quando eu tinha seis anos de idade, deixando meu pai com oito filhos, inclusive um bebê de nove dias. Os anos seguintes foram difíceis, mas eu me sentia segura e à vontade na igreja. Foi lá que eu aprendi a amar a Deus e adorar.

Quando nosso primeiro filho tinha quatro anos, tivemos um outro filho. Eu ainda não sabia a que igreja me filiar, mas minhas orações começaram a ser mais freqüentes e sinceras.

Dezoito meses depois, minhas orações tornaram-se fervorosas. Morávamos em um edifício em Davenport, Iowa. Eu gostava de ler, mas havia lido tudo que tínhamos em casa. Uma nova família da Califórnia acabara de mudar-se para o apartamento em frente ao nosso. Decidi fazer ami-

zade com minha nova vizinha: talvez ela tivesse alguma coisa boa para ler.

Assim que nosso filho saiu para a escola, fui visitá-la. Depois das apresentações e de conversar um pouco, disse-lhe por que eu fora até lá. Ela disse que eles não haviam tido espaço no caminhão alugado para trazer os livros, e, assim, os haviam deixado para trás. Ela, no entanto, realmente tinha um livro consigo. Era o Livro de Mórmon.

Minha vizinha perguntou-me se eu já ouvira falar dos mórmons, e eu disse: "Só o que aprendi na aula de história a respeito de Brigham Young, quando levou os pioneiros para Utah." Então ela me perguntou se eu gostava de história, e respondi que sim.

Eu iria gostar do Livro de Mórmon, disse ela, porque era uma história a respeito de alguns antigos habitantes da América. Fiquei entusiasmada, uma vez que sempre quis saber a respeito dos índios americanos e de onde eles haviam vindo. Ela então começou a me contar sobre Joseph Smith e de como ele encontrou as placas de ouro e as traduziu. Fiquei fascinada.

Fiquei surpresa ao saber que minha vizinha não era membro da Igreja. Os missionários lhe haviam ensinado o evangelho e ela estava certa de que era verdadeiro, mas

MEU MISSIONÁRIO NÃO-MEMBRO

CHERRY L. MORROW

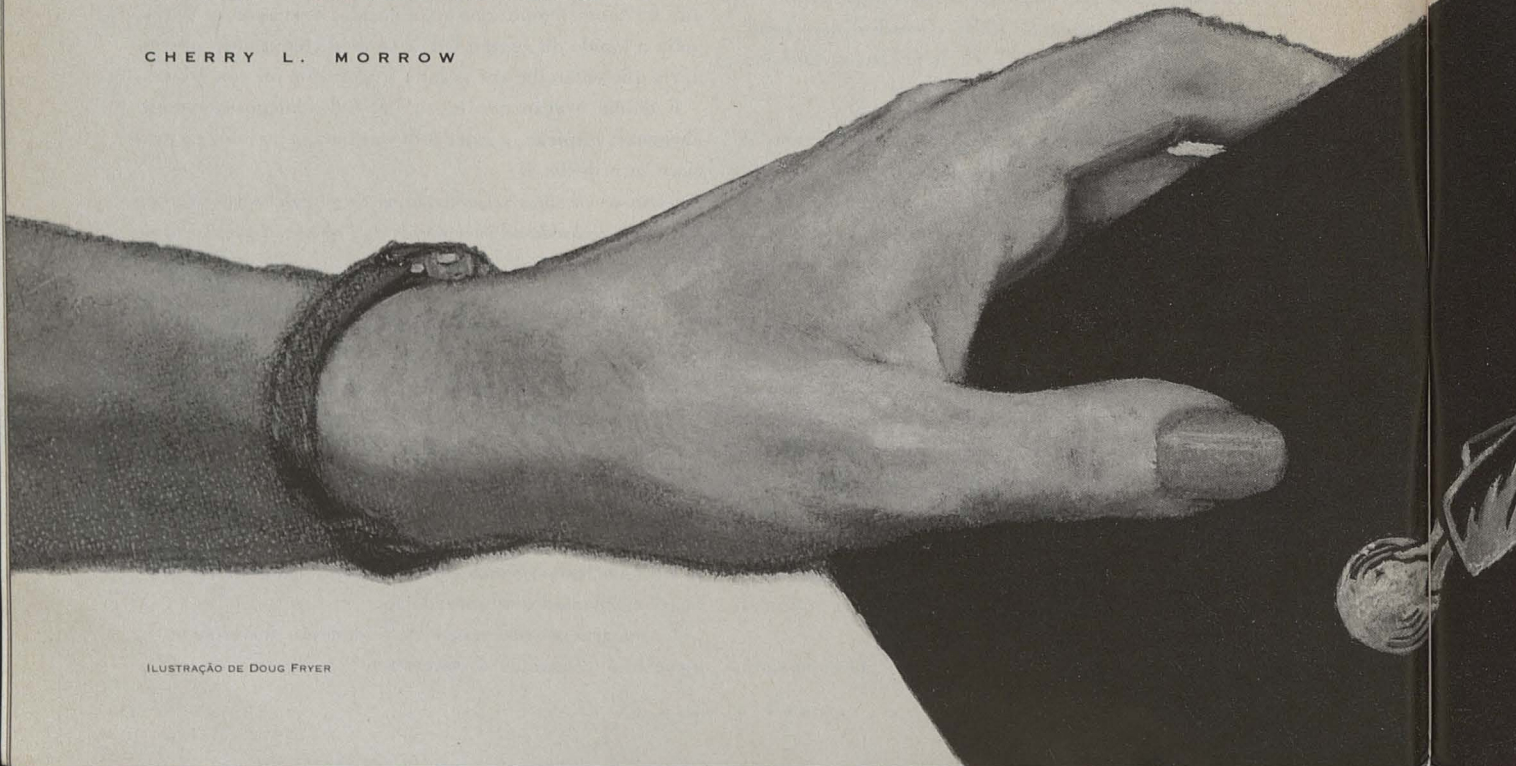


ILUSTRAÇÃO DE DOUG FRYER

julgava-se incapaz de viver a Palavra de Sabedoria. “Não deixe de ler a história de Joseph Smith primeiro”, disse-me ela. “Você pode levar o Livro de Mórmon emprestado, mas eu o quero de volta quando terminar.”

Quando li a história de Joseph Smith, era como se eu estivesse lá com ele, e eu sabia que era verdadeira. Minha vizinha às vezes me perguntava como eu estava indo e ficava feliz por saber que eu acreditava no que estava lendo.

Quando eu estava na metade do livro, tive de devolvê-lo porque nos mudaríamos para outra residência. Eu não queria devolver o livro, mas minha vizinha me disse que eu poderia chamar os missionários e eles ficariam felizes em me trazer um exemplar do Livro de Mórmon só para mim.

Depois que nos mudamos, pensei em chamar os missionários, mas continuei a deixar isso para depois. “Bem, se essa realmente é a igreja verdadeira de Deus”, eu raciocinava, “eles me encontrarão.”

Uma manhã, ao aprontar nosso filho para ir à escola, gritei com ele, coisa que eu simplesmente nunca tinha feito. Imediatamente pedi desculpas, mas podia ver mágoa em seus olhos. Quando ele saiu, observei-o pela janela, andando pela calçada de cabeça baixa. Ele costumava estar sempre alegre. Senti-me muito mal, e, aos prantos,

ajoelhei-me, implorando ao Pai Celestial que me perdoasse. Depois de orar por algum tempo, pedi a Deus que me fizesse saber, de alguma maneira, se o Livro de Mórmon era verdadeiro, e se essa era a sua igreja verdadeira.

Naquela manhã, às dez horas, bateram à minha porta. Abri-a e vi dois rapazes usando ternos. Eles me disseram que eram missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Convidei-os a entrarem. Eles logo me disseram que quando oraram naquela manhã com a finalidade de serem guiados até aqueles que estivessem procurando a igreja, foram inspirados a virem para aquela área. A princípio, pensaram que estavam errados, pois aquela área já havia sido percorrida várias vezes, mas foram inspirados a voltar. E assim fizeram.

Fui batizada duas semanas depois. Dezoito anos mais tarde, meu marido também foi batizado; ele serviu na presidência do ramo, e fomos selados no templo.

Sou grata pelo Livro de Mórmon e pelos missionários que estavam em sintonia com o Espírito o suficiente para saberem onde encontrar alguém que estava orando por sua visita. □

Cherry L. Morrow é membro do ramo de Knoxville, Estaca Des Moines Iowa.



“SOMOS MUITO ABENÇOADOS”

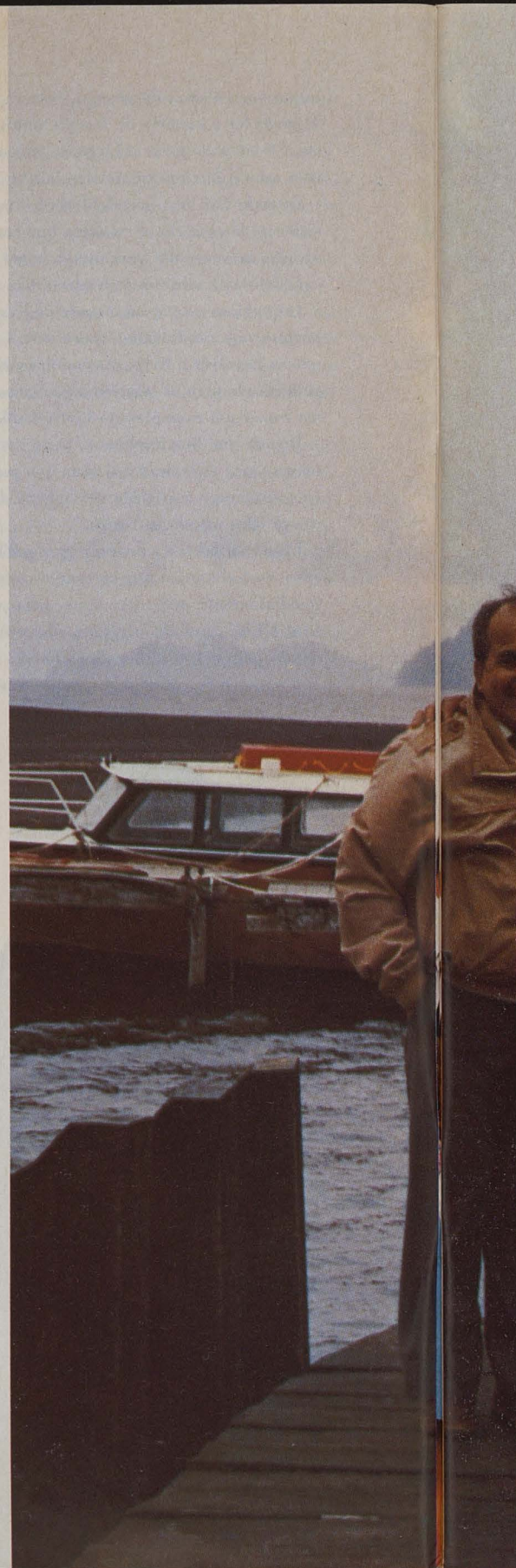
BENIGNO PANTOJA

NO DISTANTE VALE EL CALLAO, NA ENCOSTA
ORIENTAL DAS MONTANHAS
PUNTIAGUDO, NO CHILE, VIVE UMA
FAMÍLIA SUD ESPECIAL.

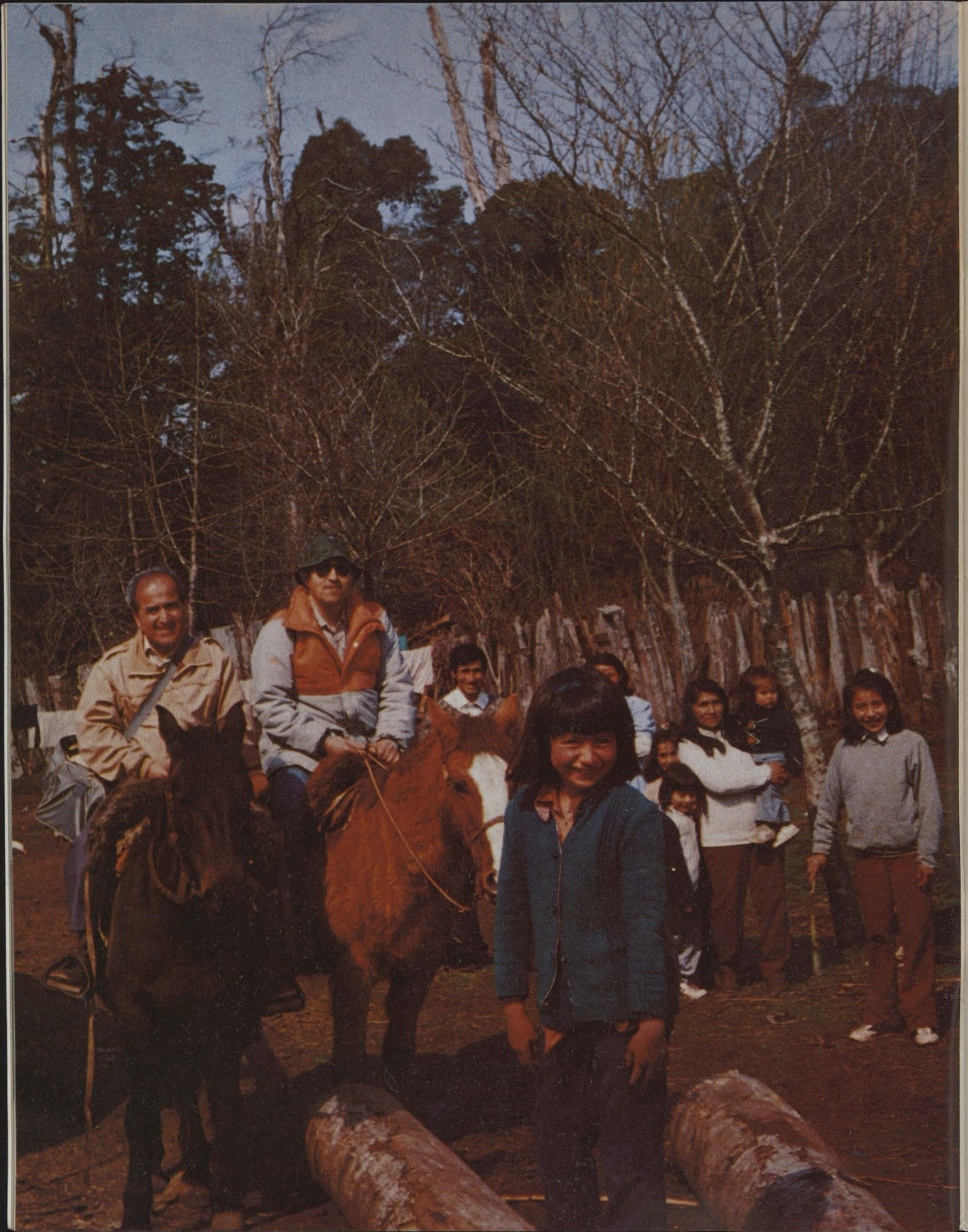
Ouvi falar de José e de Joana Yefi e de seus sete filhos pelo Presidente Julio Otay, quando, como representante regional, visitei a Estaca Puerto Montt Chile. Pelos relatos que ele fez dos Yefi e de suas experiências na Igreja, decidi que queria conhecê-los. São membros da ala Estación, mas fazer uma viagem até a casa dos Yefi é muito mais complicado do que simplesmente descer a rua da capela localizada em Puerto Varas. É uma aventura em três partes, de ônibus, de barco, e a cavalo. O presidente Otay e eu decidimos fazer a viagem nos dias 17 e 18 de setembro, feriado nacional no Chile.

Quando saímos de Puerto Varas fazia uma bela manhã, anunciando a chegada da primavera naquela parte do mundo. Na primeira parte da jornada, viajamos noventa minutos de ônibus até Petrohue, às margens do Lago Todos Los Santos. Nosso ônibus circundou a margem sul do Lago Llamquihue, com o cone do majestoso vulcão Monte Osorno como pano de fundo. Planejamos tomar o barco regularmente programado para atravessar o Lago Todos los Santos, mas disseram-nos que ele havia partido mais cedo, lotado de turistas. Assim, alugamos um barco particular—que por coincidência pertencia ao primo do irmão Yefi—para a viagem de três horas. Durante aquelas três horas, desfrutamos da beleza natural que estava à nossa volta. O lago, também conhecido como “Lago Esmeralda”, devido à cor de suas águas, brilhava ao sol, e à nossa direita erguia-se o Monte Tronador. Era uma maneira maravilhosa de celebrar o feriado nacional, e agradei ao Pai Celestial por ter nascido em um país tão bonito.

BENIGNO PANTOJA (EXTREMA ESQUERDA) E PRESIDENTE JULIO OTAY (EXTREMA DIREITA) ENCONTRAM-SE COM A FAMÍLIA MIRANDA ANTES DE VIAJAR PARA VISITAR JOSÉ YEFI. (SEGUNDO DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CUJA CASA FICA A DUAS HORAS A CAVALO DAQUELE LOCAL. A FAMÍLIA MIRANDA AFILIOU-SE À IGREJA DEVIDO AOS ESFORÇOS MISSIONÁRIOS DE IRMÃO YEFI.







Quando chegamos ao ponto onde supúnhamos encontrar o irmão Yefi, ele não estava lá. Descobrimos que ele estivera esperando por nós na outra extremidade do lago em um pequeno ancoradouro onde o barco dos turistas atracara. Enquanto ele atravessava o lago em seu barco para encontrar-nos, conversamos com a família Miranda, que morava perto do lago. José Miranda, cunhado do irmão Yefi, e sua família, são membros da Igreja como resultado da obra missionária da família Yefi. Vou falar mais sobre isso depois.

O irmão Yefi finalmente chegou e ao encontrar esse homem obviamente descendente de lamanitas, com seu sorriso sincero e olhos brilhantes, senti uma grande amizade por ele.

Iniciamos a última parte de nossa jornada até a casa da família Yefi—duas horas a cavalo, contornando e passando por densas florestas de coigue, loureiros, tepu e olmo (árvores que crescem na região). Enquanto cavalgávamos, acompanhava-nos a serenata de sons do Rio Sin Nombre, correndo pelas montanhas abaixo em direção ao lago.

Por fim, chegamos ao Vale El Callao, onde mora a família Yefi em completo isolamento. Ao desmontarmos dos cavalos, as crianças nos cumprimentaram animadamente. A princípio, pensei que elas estivessem contentes por ver visitantes, mas logo percebi que o seu alvoroço era pelo pai, que abraçaram como se não o vissem há muito tempo. Sentindo um elo especial entre o pai e os filhos, posteriormente fiquei sabendo que o próprio irmão Yefi ajudara a trazer ao mundo cinco de seus sete filhos.

A primavera havia chegado a esse vale encravado no alto da montanha, com uma profusão de flores amarelas fora da casa de madeira dos Yefi. Dentro da casa, uma tabuleta na sala de jantar proclamava: “Nossa Meta É Estabelecer uma Família Eterna.” Ao conversar com a família Yefi, naquela noite, soube a respeito das raízes de sua fé no evangelho.

O irmão Yefi nos contou como conheceu a Igreja.

“APÓS UMA JORNADA DE DUAS HORAS, DESCEMOS DE NOSSOS CAVALOS, E AS CRIANÇAS NOS RECEBERAM MUITO ANIMADAMENTE”, DISSE ÉLDER PANTOJA. “NO INÍCIO PENSEI QUE ESTIVESSEM ENTUSIASMADOS POR VEREM VISITANTES. LOGO PERCEBI, PORÉM, QUE ENTUSIASMO ERA POR SEU PAI.”

“Desde a infância”, disse ele, “eu tinha sangramentos constantes no nariz. Certa vez, depois de casado, tive uma hemorragia nasal tão forte que desmaiei e tive alucinações. Quando me recuperei, pensei que havia passado para a outra vida, mas fiquei feliz por ver minha esposa ao meu lado, cuidando de mim.

Decidi ir procurar um médico em Puerto Varas. Enquanto estava na casa de um amigo, ele me falou a respeito de dois rapazes que moravam lá perto e que ‘curavam’ pessoas em nome do Senhor. Como eu sempre tive fé, fui vê-los e perguntei-lhes quanto cobravam por uma bênção. Os rapazes, que chamavam a atenção por sua camisa branca, me disseram: ‘Não cobramos para abençoar um de nossos irmãos. Se você tiver fé para ser curado com a bênção que lhe damos, na verdade o Senhor vai curá-lo.’

Então pediram que eu sentasse, mas eu lhes disse: ‘Não me sinto à vontade quando estou sentado. Eu me sentiria melhor ajoelhado.’ Os missionários puseram as mãos sobre minha cabeça e me deram uma bênção. A experiência foi maravilhosa. Um bem-estar invadiu meu corpo todo, e não tive dúvidas de que era o poder de Deus me curando. Nunca mais tive uma hemorragia nasal.

Depois dessa experiência, perguntei aos missionários o que devia fazer para me tornar membro da Igreja. Eles me perguntaram se era casado. Disse-lhes que sim, e marcamos uma reunião com minha esposa no domingo seguinte. Os missionários apresentaram a primeira palestra, e nos pediram que voltássemos na semana seguinte para a segunda palestra. Eu, porém, lhes disse que, por causa da grande distância, queria que eles nos batizassem naquele dia. Assim, recebemos todas as palestras e fomos batizados no mesmo dia, 28 de setembro de 1979.

A distância entre nossa casa e a capela é bem grande, mas assistimos às reuniões de domingo sempre que possível. Em uma de nossas visitas, fui entrevistado pelo presidente do ramo para ser ordenado ao Sacerdócio Aarônico.”

O presidente Otay, que era o presidente de ramo do irmão Yefi naquela época, desafiou-o a pagar o dízimo e a preparar-se para receber o Sacerdócio de Melquisedeque. Poucos meses depois da entrevista, em um dia chuvoso, úmido, o irmão Yefi apareceu e quis falar com o presidente sobre sua primeira doação de dízimo. O presidente Otay pediu-lhe que entrasse, mas o irmão Yefi disse que tinha o dízimo lá fora—três sacos de batata.

Pensem na fidelidade desse irmão, em guardar os man-

damentos do Senhor! Ele havia transportado três sacos de batata a cavalo, barco, ônibus, e depois carroça até a igreja.

Ouvir o irmão Yefi testificar da lei do dízimo é uma experiência especial. “Antes de sair de casa para levar nosso dízimo ao bispo”, disse ele, “oro para que o Pai Celestial me abençoe para que eu possa ser honesto. Eu não gostaria de ter a sensação de que roubei o que realmente pertence a ele.”

O irmão Yefi testificou que o Senhor abençoou muito sua família por obedecer à lei do dízimo. Na época em que foi batizado, disse ele, tinha apenas o mínimo necessário para sustentar sua família—uma junta de bois para arar a terra, um cavalo, e algumas cabras e ovelhas. Disse ele, porém, com grande reverência, desde que aprenderam sobre o evangelho e ele paga o dízimo, “fomos muito abençoados. Tenho cavalos, cabras, ovelhas, e nove vacas leiteiras que nos dão leite suficiente para alimentar nossos filhos e para fazer queijo para vender. E nós semeamos e colhemos nosso próprio trigo. Somos muito abençoados!”

Como parte da meta dos Yefi de formar uma família eterna, eles zelosamente partilharam o evangelho com seus parentes. O pai do irmão Yefi, Prudencio Yefi Calbucan, foi o primeiro parente a ouvir a mensagem do evangelho. Depois seu irmão, Segundo Prudencio Yefi Aguilar, a esposa de seu irmão, Maria Isabel de Yefi, e uma de suas filhas ficaram interessados. Depois, seu cunhado, José Nolberto Miranda Diaz—aquele que encontramos à margem do lago—sua esposa, Maria Francisca de Miranda, seu filho mais velho, Juan Heriberto Miranda Yefi, e duas filhas mais novas quiseram aprender mais.

O irmão Yefi ensinou-lhes todas as palestras missionárias. Depois todos eles fizeram a viagem até Puerto Varas para serem entrevistados pelos missionários de tempo integral. Depois das entrevistas, o irmão Yefi os batizou. Ele também os desafiou a receberem as investiduras no templo, o que ele e a irmã Yefi já haviam feito. (O filho mais velho dos Miranda estava cumprindo missão na Missão Chile Vina del Mar na época de nossa visita.)

No segundo dia de nossa visita, domingo, o presidente Otay autorizou o irmão Yefi a dirigir os serviços regulares da igreja em sua casa, exceto quando a família viaja até Puerto Varas para pagar o dízimo ao bispo.

Reunimo-nos com os Yefi e com seus parentes para realizar a Escola Dominical e a Sacramental—dezoito mem-

bro ao todo. O irmão Yefi deu uma aula do livro de Morôni. Quando ele leu os capítulos seis e sete a respeito de batismos, fazer amizade e ensinar pelo poder do Espírito Santo, lágrimas rolaram em suas faces.

Quando a aula terminou, cantamos um hino. Mesmo sem piano e sem conhecimento de música, a família Yefi cantou com um espírito que compensou qualquer nota errada. Então, o irmão Yefi pediu aos visitantes que falassem.

Quando foi minha vez de falar, eu lhes disse: “Percebo que vocês têm grande desejo de aprender qualquer coisa que eu possa dizer, mas posso assegurar-lhes que com esta visita eu aprendi mais com vocês do que vocês podem aprender comigo.”

Ao me despedir da família Yefi naquele dia, pensei nas lições que aprendera com eles. Aprendi a ser fiel ao Senhor em qualquer circunstância. Aprendi que, embora uma grande distância separasse os Yefi da capela, não havia distância entre eles e o Senhor. Muitos de nós que temos dezenas de vizinhos à nossa volta, não compartilhamos o evangelho, e, no entanto, os Yefi ensinaram, deram amizade, e batizaram seus vizinhos e parentes mais próximos.

Com os Yefi, aprendi a fazer do templo uma prioridade. Muitos de nós que temos acesso relativamente fácil ao templo, damos muitas desculpas para não ir. Os Yefi já percorreram uma grande distância até Santiago para serem selados no templo. E sempre que podem fazer a viagem, o templo é sua prioridade.

Saí do belo vale El Callao fortalecido em meu próprio testemunho do evangelho e em meu compromisso de obedecer ao Senhor. A influência dos Yefi para o bem, ultrapassou o isolamento de sua casa na montanha. □

O elder Benigno Pantoja é representante regional na Região Chile Sul da Igreja. Ele mora na Ala La Florida 2, Estaca La Florida (Santiago), Chile.

IRMÃO YEFI E SUA ESPOSA, JUANA, FORAM AUTORIZADOS PELA ESTACA A REALIZAREM AS REUNIÕES DA IGREJA EM SUA CASA POIS A CAPELA É MUITO DISTANTE. MUITOS DOS PARENTES DA FAMÍLIA YEFI TAMBÉM FORAM BATIZADOS E FREQUENTAM AS REUNIÕES NA CASA DOS YEFI.



PARA A FAMÍLIA MATURURE,
O ÉLDER E A IRMÃ LAKE
FORAM INSTRUMENTOS NAS
MÃOS DO SENHOR PARA A
REALIZAÇÃO DE UM GRANDE
MILAGRE.

COMO OS LAKE PODERIAM
TER IMAGINADO ANTES DE
SAÍREM DE SUA CASA EM
UTAH QUE TERIAM UMA
EXPERIÊNCIA TÃO
SIGNIFICATIVA NO DISTANTE
ZIMBABWE?



TROCAR ALGO BOM POR ALGO MELHOR

CASAIS MISSIONÁRIOS

ÉLDER M. RUSSELL BALLARD

DO CONSELHO DOS DOZE

PARA TODOS OS CASAIS QUE PODEM SERVIR: O TEMPO É AGORA. LANCEM SUA FOICE E SIRVAM AO SENHOR COM TODO PODER, MENTE E FORÇA.

Recentemente fiquei sabendo das experiências de um homem de Zimbabwe chamado Sabbath Sibanda Maturure. Nascido em Shurugwe naquilo que ele descreve como “uma cabana africana comum”, foi o sétimo filho de um total de onze. Como três de suas irmãs, ele nasceu inválido. Ainda criança, culpou Deus por sua deficiência e recusou-se a freqüentar a igreja cristã da qual seus pais eram devotos.

Aos sete anos, ele e suas irmãs foram enviados para longe de casa para freqüentar uma escola para deficientes. Longe da mãe, que só podia visitar uma vez por ano, ele tornou-se ainda mais amargurado. “A vida era terrível. Simplesmente não havia esperança”, lembra ele.

Sua amargura aumentou quando seus dois únicos amigos—sua mãe e uma outra criança deficiente da escola—morreram. “Não me restava nada realmente—nem um fio de esperança em lugar nenhum. A vida não tinha significado absolutamente nenhum. Deus era totalmente injusto e não merecia minha adoração e respeito.”

Depois que ele fez amizade com alguns cristãos que insistiram em que ele lesse a Bíblia, seu coração começou a abrandar-se. Com o passar dos anos, encontrou um emprego, casou e teve duas filhas.

Em julho de 1985, um homem que “parecia honesto, humilde e dedicado” apresentou-se em sua casa como Élder Boyd Lake. Élder e sister Lake, um casal missionário de Oakley, Utah, haviam conhecido a esposa de Sabbath (Susan) no trabalho, e ela lhes havia pedido que visitassem seu marido. “Qualquer coisa que se relacione com Cristo torna nossa vida mais agradável”, diz Sabbath, “e, assim, eu recebi o élder e a sister Lake em nossa casa.” Sua mensagem pareceu tão boa que os Maturure convidaram os Lake a se reunirem com todos os seus amigos do centro de reabilitação onde trabalhavam. E Sabbath e Susan começaram a estudar o Livro de Mórmon.

ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

Depois de várias visitas dos missionários, Sabbath ficou doente, mas uma bênção do sacerdócio ajudou-o a recobrar a saúde. Ele ficou impressionado com o poder do sacerdócio e com os ensinamentos a respeito da noite familiar, das ofertas de jejum, do dízimo, e da castidade. “Também aprendi sobre a família eterna, por meio da qual, se cremos e formos dignos, podemos casar no templo e ser selados para sempre como marido e mulher e como família.”

Em 2 de agosto de 1986, Sabbath foi batizado pelo presidente de ramo, e o élder Lake batizou Susan e uma de suas filhas. “Que alegria tivemos em nossa casa por estarmos em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias - uma igreja que o próprio Senhor restaurou!” diz Sabbath. Três semanas depois, nasceu uma terceira filha, Helen Happiness. (O bebê recebeu esse nome em homenagem à irmã Lake, cujo primeiro nome é Helen.)

Para a família Maturure, o élder e a irmã Lake foram instrumentos nas mãos do Senhor para a realização de um grande milagre. Como os Lake poderiam ter imaginado antes de saírem de sua casa em Utah que teriam uma experiência tão significativa no distante Zimbábue?

Em todo o mundo, casais missionários estão levando bênçãos semelhantes à vida de muitas pessoas. E outra consequência positiva é que as bênçãos também são dadas aos missionários.

Quando eu era presidente da Missão Canadá Toronto, fiquei surpreso com as mudanças que ocorreram nos casais que serviam na missão. Muitas vezes, eles vinham para o campo missionário abandonando planos, de uma aposentadoria tranquila. Depois começava uma bela transformação. Ao observar sua fé e confiança no Senhor, seu envolvimento no trabalho, e seu altruísmo, sentia-me como se estivesse observando botões de flores desabrochando completamente. Esses casais maravilhosos trocavam algo bom em casa por algo melhor no campo missionário.

Vejam, por exemplo, as experiências do élder e da irmã Verl Asay, que serviram conosco na Missão Canadá Toronto e que estão agora servindo na Missão Inglaterra Londres Sul—sua terceira missão. Quando lhes perguntei o que diriam a outros casais a respeito de seu trabalho, o élder Asay respondeu com este incentivo:

“O Senhor tem uma maneira de abrir as janelas dos céus, se tentarmos servir honestamente. Eu tinha problemas de saúde antes de nosso primeiro chamado e tinha de ficar em casa sem trabalhar durante muitos dias. Eu, porém, tive saúde suficiente para aceitar um chamado para a missão e passei dois anos no noroeste dos Estados Unidos supervisionando construção de capelas. Felizmente, fui abençoado com boa saúde durante toda a missão.

Depois que voltamos para casa, recebemos e aceitamos outro chamado para uma missão de proselitismo de dezoito meses na Missão Canadá Toronto. Que experiência compensa-

dora nós tivemos ao encontrar e trabalhar com algumas das pessoas mais maravilhosas, gentis e amáveis de todo o mundo. Mais uma vez, eu tive boa saúde, embora enfrentasse dois dos invernos mais frios que já passei. O Senhor realmente nos abençoou. Nossa família, que ficou em casa, tornou-se mais unida ao compartilhar nossas cartas, e nosso amor à família aumentou bastante.

Ao voltarmos para casa, contamos muitas bênçãos que vieram em consequência daqueles dezoito meses: boa saúde, la-





NO SEU PRIMEIRO DIA COMO MISSIONÁRIOS, IRMÃ ASAY PERGUNTOU À MULHER NA CAIXA REGISTRADORA SE ELA CONHECIA ALGUMA COISA SOBRE A IGREJA. COMO RESULTADO FORAM BATIZADOS A MULHER, O MARIDO, E DOIS PARENTES; PELO MENOS OUTROS DEZESSETE VIERAM DEPOIS.

gos familiares mais fortes, muitos irmãos e irmãs novos no evangelho, e inúmeras experiências espirituais ao ajudar a obra a ir adiante em um pequeno canto da vinha do Senhor.

Agora, mais uma vez, somos gratos por outro chamado— desta vez para a Inglaterra. Vemos uma grande necessidade de que mais casais ajudem a preparar o mundo para a segunda vinda do Salvador.”

Tenho certeza de que esse casal fará um trabalho maravilhoso na Inglaterra. No primeiro dia da missão dos Asay no Canadá, nas minhas primeiras entrevistas com eles, irmã Asay me disse que estava nervosa e com medo de ser missionária proselitista. Disse-lhe que realmente não era tão difícil; tudo que ela precisava fazer era falar com as pessoas sobre a Igreja. E fomos andar para praticar um pouco, fazendo as perguntas de ouro.

No seu primeiro dia como missionários, enquanto seu marido estava pagando algumas compras na mercearia, irmã Asay perguntou à mulher que estava na caixa registradora se ela conhecia alguma coisa sobre a Igreja e se gostaria de saber mais. Como resultado dessa pergunta, foram batizados a mulher, Betti W. Guild, o marido e dois parentes; pelo menos outros dezessete vieram depois.

Quando penso nesse casal que deixou a família e o conforto do lar pela terceira vez para servir ao Senhor, penso nas palavras do Senhor:

“E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna” (Mateus 19:29).

Seguem-se algumas perguntas normalmente feitas. Talvez as respostas os ajudem a entender mais a respeito do trabalho dos casais missionários.

Quem São os Casais Missionários? São casais mais velhos dignos, cujos filhos já não dependem mais deles, que são capazes de manter-se financeiramente no campo missionário, e gozam de boa saúde.

Por Quanto Tempo os Casais Servem? Os casais são geralmente chamados por dezoito meses, mas podem ser por doze ou seis meses, dependendo das circunstâncias. Os chamados de seis meses limitam-se a casais que estão em férias que são sazonais, como na agricultura; esses chamados de curto prazo são para missões próximas ao local onde o casal reside. Os casais que servem por dezoito meses podem ser designados para fora de seu país.

Depois de cumprir uma missão, os casais muitas vezes sentem o desejo de servir novamente. Certo casal, Ralph e Aileen Tate, está cumprindo sua quarta missão; eles serviram em Toronto, na Nigéria e na Irlanda (durante a mesma missão!) e nas ilhas do Caribe; agora estão servindo na Nova Zelândia. Eles viram pessoas serem batizadas em todas as missões, e o treinamento de liderança que fizeram foi muito grande.

É Presunçoso Buscar um Chamado para a Missão? De maneira nenhuma. Os casais não fazem seu próprio chamado, o Senhor o faz; mas eles devem ter a liberdade de dirigir-se ao bispo e comunicar-lhe seu interesse em servir.

Teremos de Memorizar as Palestras? Os missionários que usam as palestras atuais não têm necessidade de memorizá-las; eles ensinam com um esboço, usando suas próprias palavras. Os casais podem aprender o suficiente com o esboço das palestras—e podem até mesmo olhar rapidamente o esboço enquanto ensinam - para que possam compartilhar o evangelho com bastante eficiência sem ter de memorizar. Dessa forma, podem ser mais sensíveis ao Espírito e aos sentimentos do pesquisador. Permitam que eu amenize qualquer receio a respeito do assunto. Vocês já conhecem o evangelho! Os anos durante os quais aprenderam sobre ele e o viveram darão muitas experiências únicas e maravilhosas por meio das quais vocês podem ensiná-lo com eficiência. O Senhor os abençoará enquanto ensinarem o evangelho em sua missão.

Há Restrições de Idade para os Casais Missionários? A idade limite em geral é de setenta anos, mas os casais com mais de setenta anos podem ser chamados, se sua saúde for boa e se o presidente de estaca sentir que eles têm a força física e emocional para servir.

E Quanto à Nossa Saúde Geral? Os casais missionários devem ser suficientemente saudáveis para contribuir com a obra. Muitos casais fazem muitas coisas em casa, e, assim, devem poder cumprir uma missão. Lembrem-se, vocês terão um ao outro para se apoiar. Além disso, o presidente da missão será sensível a circunstâncias especiais e lhes dará designações com base na experiência de vocês e na necessidade da missão.

Conseguirei Suportar Eu o Esforço Físico do Proselitismo como os Jovens Missionários? Não se preocupe com isso. Você trabalhará mantendo o seu próprio ritmo e não se espera que vocês sigam a mesma rotina que os outros missionários. Há muitas outras maneiras de fazer amigos e trabalhar com eles. Vocês têm toda uma vida de experiência para ajudá-los; as formas de serviço são ilimitadas.

Quais São Algumas Dessas Outras Formas de Servir? Vocês podem dar aulas nas auxiliares, construir galinheiros, treinar líderes locais, fazer conservas de frutas e legumes, acompanhar membros novos ou futuros, consertar cercas, reativar membros menos ativos, ensinar as pessoas a plantarem e cuidarem do jardim, pregar o evangelho, amar e ouvir, cantar em coros, pintar, batizar, arrancar ervas daninhas—toda e qualquer coisa que possibilite chegar ao coração de maneira leal e carinhosa. A lista é infinita. Os casais missionários são guiados pelo Espírito para realizar muitas coisas que podem ajudar a orientar os filhos do nosso Pai Celestial no caminho do Senhor e de seu reino.

Quais São as Maiores Vantagens Que os Casais Têm como

Missionários? Os casais missionários são freqüentemente designados para áreas em que os líderes e membros locais da Igreja podem beneficiar-se com sua experiência, maturidade e orientação. Os casais missionários dão força aos ramos e alas com sua simples presença. Um de meus companheiros disse: “Os casais missionários são exemplos vivos do que a Igreja faz pelas pessoas. As pessoas que estão no campo missionário olham para eles e vêem uma grande fé em ação. E ganham uma perspectiva do serviço que deve ser prestado na



AS MISSÕES EM TODO O MUNDO PRECISAM DE MAIS CASAIS. A MATURIDADE, A EXPERIÊNCIA, E HABILIDADES ESPECIAIS, DESENVOLVIDAS DURANTE TODA UMA VIDA DE SERVIÇO E FIDELIDADE, OS TORNAM ALGUNS DOS MELHORES MISSIONÁRIOS QUE TEMOS.

Igreja durante toda a vida.”

Quantos Casais São Necessários? Quando alguém fez essa pergunta ao Presidente Kimball, ele respondeu: “Todos!”

O Presidente Ezra Taft Benson disse:

“A Igreja, hoje, precisa de missionários mais do que nunca! O Senhor requer que levemos o Evangelho de Jesus Cristo a todas as nações do mundo . . .

Essa tarefa exigirá milhares de missionários, muito mais do que os atualmente empenhados no serviço missionário mundial . . .

Vós sois mais necessários hoje do que nunca no serviço do Senhor. ‘Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos’ (Lucas 10:2)” (“Nossa Comissão de Levar o Evangelho ao Mundo Inteiro”, *A Liahona*, julho de 1984, pp. 86–87).

O Élder David B. Haight, do Quorum dos Doze, disse:

“Algumas estacas estão repletas de casais maduros, totalmente preparados para aceitar um chamado missionário, e que, não somente ajudariam de forma entusiástica a propagar o evangelho, mas também a fortalecer os novos membros, nas áreas do mundo onde crescemos rapidamente. Os milhares de membros recém-batizados que temos na Igreja atualmente deparam com um sistema um tanto estranho, desconhecido, e poderiam ser incentivados e treinados por alguém que atualmente está confortavelmente sentado em casa . . . Se pudéssemos transplantar centenas de nossos casais fiéis e bem preparados, para uma experiência que seria grandiosa em sua vida!” (“ . . . Apascenta as Minhas Ovelhas”, *A Liahona*, outubro de 1979, p. 100).

As missões em todo o mundo precisam de mais casais. A maturidade e a experiência os tornam alguns dos melhores missionários que temos. Suas habilidades especiais, desenvolvidas durante toda uma vida de serviço e fidelidade, permitem que eles treinem líderes com eficiência, fortaleçam e reativem membros, e tragam não-membros a Cristo, ensinando-os e batizando-os. A importância de seu trabalho está quase além do que podemos exprimir com palavras.

Para todos os casais que podem servir: o tempo é agora. Lancem sua foice e sirvam ao Senhor com todo poder, mente e força. Vocês terão mais amor e satisfação do que jamais julgaram ser possível.

A missão é um sacrifício; não obstante o seu sacrifício trará “as bênçãos dos céus”. Na realidade, o sacrifício de deixar a casa, a família e o conforto realmente acaba sendo o sacrifício de algo bom por algo melhor. □



CADA MEMBRO É UM MISSIONÁRIO

PASSOS SIMPLES PARA COMPARTILHAR O EVANGELHO



1. Estude o evangelho. Ore, procure obter o Espírito e fortaleça seu testemunho e conhecimento da Igreja, e estará preparado para compartilhá-lo.

2. Faça amigos. Aprenda a ter amor por eles. Seja um bom amigo. Participe de várias atividades que o ajudarão a conhecer todo o tipo de pessoa.

3. Convide seus amigos para uma atividade relacionada à Igreja. Planeje, assegurando-se de que a atmosfera seja calorosa e cordial.

4. Responda às perguntas deles sobre a Igreja de maneira descontraída e acessível. Se você estiver preparado, não terá problemas com isso. Seja preciso e sincero.

5. Disponha de um exemplar extra do Livro de Mórmon para dar ou emprestar a seus novos amigos, ou a qualquer pessoa que encontrar.

6. Fale com eles a respeito de idéias interessantes extraídas dos manuais e das aulas da Escola Dominical, da So-

cidade de Socorro e do sacerdócio.

7. Transmita-lhes qualquer informação que tiver compilado a respeito da sua história da família. Sugira que talvez fosse interessante pesquisar a genealogia deles—e ajude-os a fazerem isso.

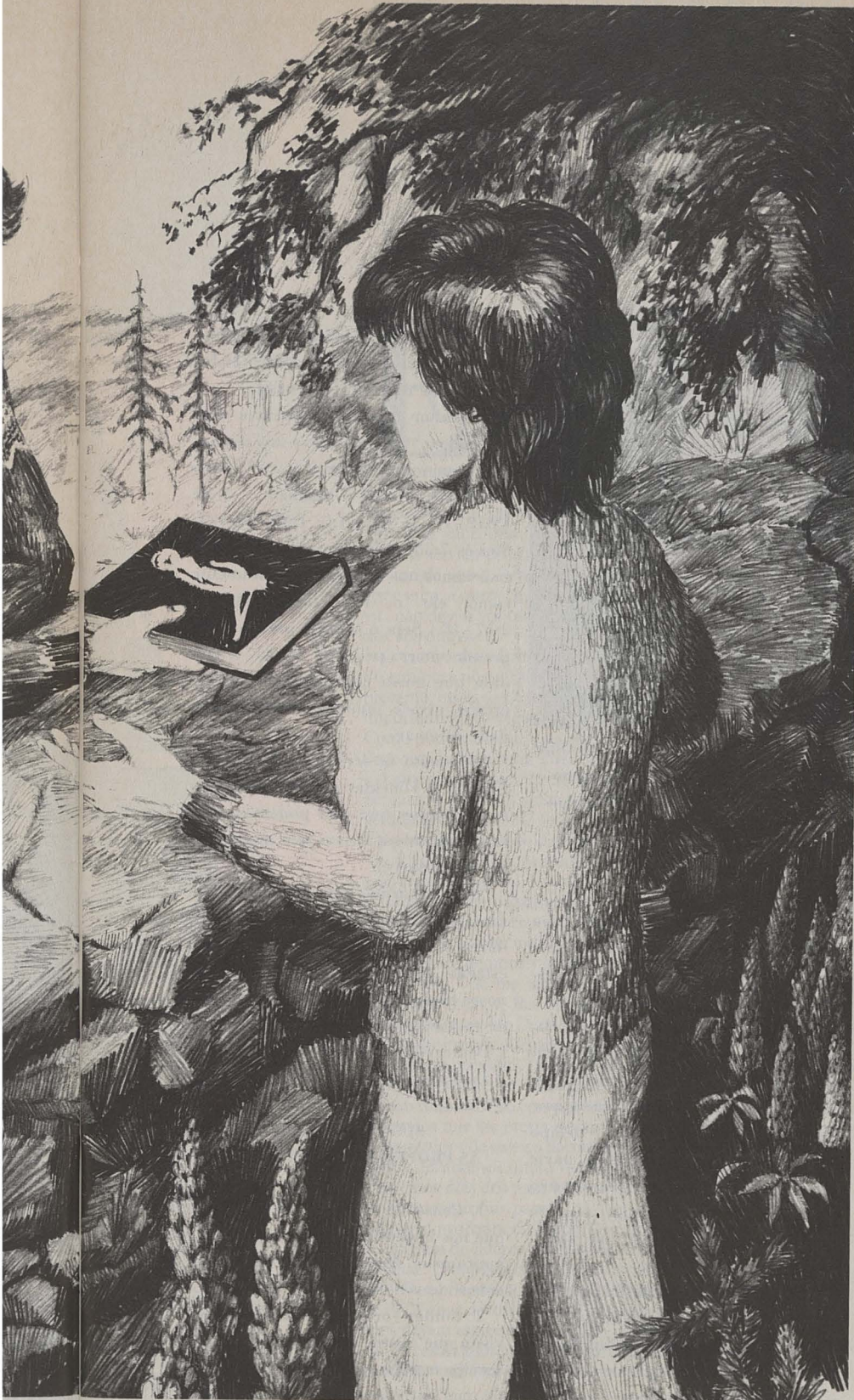
8. Convide-os para as reuniões da Igreja que possam elevá-los espiritualmente. Certifique-se de que entendam que o sentimento maravilhoso e acolhedor que sentem é o Espírito.

9. Busque o lugar e a hora adequados para prestar testemunho. Diga-lhes o quanto tanto o evangelho quanto eles significam para você. Incentive-os a convidarem os missionários de tempo integral para lhes ensinarem as palestras.

10. Não desanime se eles lhe disserem que não estão interessados. Seja o que for que você fizer, não deixe de ser amigo deles. Eles ficariam magoados ao pensar que você está interessado neles apenas como futuros conversos. Pode



ILUSTRAÇÃO DE TIMOTHY SHEPPARD



UM DOS PASSOS SIMPLES
PARA COMPARTILHAR O
EVANGELHO É TER UM
EXEMPLAR EXTRA DO LIVRO
DE MÓRMON DISPONÍVEL
PARA QUE, QUANDO A
OPORTUNIDADE SURGIR,
VOCÊ ESTEJA PREPARADO.

ser que chegue um momento na vida deles em que estejam prontos para aceitar o evangelho. Sua amizade e as experiências que tiveram com você na Igreja estarão fortemente gravadas na mente deles.

11. Preste apoio ao esforço que eles fizerem de ir à Igreja. Ajude-os a encontrarem quem os leve, se for necessário. Certifique-se de que eles saibam o que está acontecendo e onde, e sempre faça com que eles tenham alguém com quem sentar-se.

12. Dê-lhes uma assinatura de *A Liahona*, ou converse com eles sobre alguns artigos, usando seu próprio exemplar.

13. Seja sempre um bom exemplo. Seus amigos estão observando você para ver se está vivendo de acordo com os seus padrões.

14. Não desista nunca! O sentimento maravilhoso que temos quando um amigo aceita o evangelho vale por mil rejeições. □

LEMBRAR-SE DELE SERVINDO

“QUANDO O FIZESTES A UM DESTES MEUS PEQUENINOS IRMÃOS, A MIM O FIZESTES” (MATEUS 25:40).

Numa manhã fria de inverno, a família Miske foi acordada bem cedo por seus vizinhos. Os vizinhos, dezesseis pacientes idosos de um asilo próximo, estavam sem água porque a bomba de água parou de funcionar. Os Miske forneceram a água de seu poço durante todo aquele dia—até que, à tarde, o poço secou. A irmã Miske então comprou dezoito garrafas de quatro litros de água mineral e pediu a outros vizinhos SUD que ajudassem. Eles juntaram dezesseis garrafas grandes de água e os encheram na capela local. Três irmãs lavaram a roupa dos pacientes que era necessária; uma irmã passou nove horas lavando e secando lençóis.

Durante três dias, a irmã Miske transportou mais de uma tonelada de água pela neve, com temperaturas frequentemente próximas do ponto de congelamento. Depois de três dias e meio, uma nova bomba foi instalada no asilo, e as coisas voltaram ao normal lá.

As coisas, porém, não voltaram ao normal para a família Miske; o poço deles continuava seco. Os funcionários do asilo ficaram mais do que felizes por ajudar os Miske. O asilo forneceu água para a família até a primavera, quando o poço voltou a encher.

Durante seu ministério terreno, o Salvador ordenou que amássemos a Deus de todo o nosso coração e que amássemos ao próximo como a nós



ILUSTRAÇÃO DE BETH WHITAKER

SEJA O SERVIÇO PRESTADO EM GRANDE OU EM PEQUENA ESCALA, À MEDIDA QUE NOSSA CAPACIDADE DE SERVIR CRESCE, CRESCE TAMBÉM NOSSA CAPACIDADE DE AMAR.

mesmos (vide Mateus 22:36–39). Uma parte essencial da obediência a esses dois “grandes mandamentos” é prestar serviço cristão.

As oportunidades de servir aos outros raramente são convenientes. Embora algumas formas de serviço possam ser programadas e realizadas por designação—quando temos “tempo suficiente” de fazê-lo—grande parte do serviço que podemos prestar não pode ser planejado, exige atenção imediata, espontânea, e, às vezes, prolongada.

O serviço que prestamos não precisa ser grande nem complicado. A cada dia, ao nos relacionarmos com familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho—mesmo com estranhos—podemos

realizar atos de solicitude que refletem nossa sensibilidade e amor a todos os filhos de nosso Pai Celestial.

O Senhor também ordenou a seus discípulos: “Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós” (João 13:34–35; vide também João 15:12–17; II João 1:5; D&C 88:123; Moisés 7:33). Ele espera que amemos e sirvamos uns aos outros, exatamente como ele o fez. (Vide Mosiah 2:17–18.) Seja o serviço prestado em grande ou em pequena escala, à medida que nossa capacidade de servir cresce, cresce também nossa capacidade de amar.

A respeito de serviço, o Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Temos que compreender que não podemos adorar realmente a Cristo sem nos entregarmos a ele . . .

“Se prestarmos tal serviço, nossos dias se encherão de alegria e felicidade. E, mais importante que tudo, estarão consagrados a Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, para bênção de todos aqueles cuja vida tocarmos” (“Dedicar-se ao Serviço do Senhor”, *A Liahona*, agosto de 1987, pp. 5–6).

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES:

1. Pense em algumas das barreiras que nos impedem de amar e servir muito mais. Debata algumas das maneiras de vencê-las.

2. Conte—ou peça à irmã que você visita que conte—como um ato de serviço modificou sua vida ou a vida de uma outra pessoa.

MI

SEÇÃO INFANTIL.



A LANTERNA, O B

NANETTE LARSEN DUNFORD

A lua estava grande, redonda e brilhante, exatamente como deveria estar na noite do Festival da Lua. Eu segurava minha lanterna de papel brilhante bem alto, esperando que o Velho da Lua me visse entre as outras crianças. O parque todo cintilava com nossas brilhantes lanternas chinesas.

Subi o morro correndo até onde meus pais e minhas irmãs estavam sentados em um cobertor, comendo bolinhos da lua. Minha irmã mais velha, Mei Lai, estava olhando fixamente para a lua. Eu sabia que ela estava provavelmente sonhando com aquele rapaz que a levou ao baile no sábado passado. *É isso que as jovens fazem!*, pensei. *Estou feliz por não ser uma menina.*

Não que Mei Lai não tivesse o direito de pensar em amor nesta noite. Todos pensam em amor durante o Festival da Lua, ou Festival de Meados de Outono, o nome pelo qual minha irmã preferia chamá-lo. Nessa noite, supunha-se que o Velho da Lua tecesse um fio vermelho invisível em torno dos casais que um dia iriam casar-se.

Até mesmo eu estava pensando em amor, mas não nesse tipo. Estava pensando em como poderia amar ao

ILUSTRADO POR PAT HOGAN



O BOLINHO DA LUA, E O LIVRO

próximo. Minha professora da Primária nos havia dito no último domingo que nós devemos fazer isso e, desde aquele dia, eu continuava a pensar como fazê-lo algum dia. Eu não conseguia pensar em nenhum vizinho em nosso prédio de apartamentos de quem eu ao menos gostasse, e não gostava especialmente daquele menino novo que eu tinha visto na entrada! Ele nem mesmo falava chinês! A primeira vez que o vi, só fiquei olhando para os olhos dele. Nunca tinha visto olhos azuis iguais aos dele!

Certa vez eu tinha tentado falar com ele em inglês, que eu estava aprendendo na escola. “De onde você é?”, perguntei.

Olhando para mim sem jeito, ele empinou o nariz grande e disse: “Sou australiano.”

Eu com certeza não sabia o que era um australiano. Fui para casa e perguntei para Mei Lai, que sabia inglês bem.

“Australiano é alguém nascido na Austrália”, disse-me ela.

A voz de minha mãe interrompeu meus pensamentos. “Sun Ling, logo iremos para casa.”

“Ah, deixe-me correr mais uma vez pelo parque.”

“Bem, tenha cuidado com essa lanterna. Lembre-se de que há uma vela acesa nela.”

“Está bem.” Enquanto corria morro abaixo, olhei para o Velho da Lua para ver se ele ainda estava observando a mim e à minha lanterna de papel brilhante. Corri muito, com os olhos voltados para o alto, para a bela lua cheia.

De repente, —CRASH! Era uma parede? Não, era um corpo. Uma outra pessoa e eu rolamos várias vezes, um por cima do outro. Era o australiano. Quando finalmente paramos, levantamos a cabeça machucada e olhamos um para o outro. Falei sem pensar: “O que você está fazendo aqui? Isto é um feriado chinês!”

Foi bom que ele não pudesse entender meu chinês. Indignado, peguei minha lanterna, que miraculosamente estava na grama, intacta. Mentalmente, eu resmungava: *Mesmo que eu não estivesse olhando por onde andava, não foi minha culpa, na verdade. Afinal, ele é que não deveria estar aqui.*

Um barulho e uma chama fez com que os dois levantássemos juntos. Sua lanterna de papel colorido estava em chamas. As palavras de minha mãe voltaram à minha mente: “Tenha cuidado com essa lanterna.”

Olhei para ele. Inclinei a cabeça para o lado, espantado. Havia lágrimas naqueles olhos muito azuis. Nunca pensara que um australiano também pudesse chorar.



Os lábios do garoto começaram a tremer, e ele disse: “Meu pai me deu essa lanterna chinesa.”

Eu não entendi todas as suas palavras, mas entendi o que ele quis dizer. E me senti péssimo! Tentei lembrar como dizer *desculpe* em inglês, mas só lembrava das palavras em chinês.

De repente, em chinês também, ele disse: “Desculpe, também.”

Pisquei, surpreso. Ele sabia algumas palavras em chinês, afinal. Ele sorriu para mim. Eu retribuí o sorriso.

No dia seguinte, entrei em casa correndo, batendo a porta feliz depois de entrar.

“Por que toda essa alegria?”, perguntou Mei Lai.

“Oh, estava aprendendo a amar ao próximo. Jim agora é meu amigo.”

“Quem é Jim?”, perguntou ela.

“É o australiano de quem lhe falei”, respondi, subindo em um banco que estava lá perto. “Sabe de uma coisa? Antes de vir para cá, Jim nunca tinha ouvido falar de bolinhos da lua. Dei-lhe então um com o recheio de gema de ovo. Quando ele o mordeu, franziu o nariz e tentou sorrir. Pude perceber que ele não gostou.”

“Então, você acha que ele ainda é seu amigo?”, riu Mei Lai.

“Bem, eu deixei que ele experimentasse um bolinho da lua de semente de lótus depois daquilo, e ele comeu cada pedacinho e se relambeu.”

“Estou contente por você lhe ter dado alguma coisa

de que ele gostou”, disse Mei Lai.

“Eu também lhe dei uma outra coisa da qual eu espero que ele goste. Dei-lhe o meu Livro de Mórmon.”

“O seu Livro de Mórmon!”, exclamou minha irmã. “Por que você fez isso?”

“Bem, porque é a coisa mais especial que eu poderia dar a um amigo”, respondi.

“Mas como você espera que ele o leia?”, disse ela. “Ele não lê chinês.”

Olhei intensamente para minha irmã. “Não sei, Mei Lai, mas ainda assim fico feliz por tê-lo dado a ele.”

Era a semana antes do Natal. Alguém bateu à nossa porta, e Mei Lai abriu-a para o louro Jim. Meu amigo não me viu sentado no canto, e então falou em inglês para minha irmã. “Li o seu livro”, disse ele, segurando um livro azul com os caracteres chineses gravados, dizendo Livro de Mórmon.

“Você o leu?”, disse ela com a voz entrecortada.

“Mas—mas você não sabe chinês, sabe?”

“Não. O que eu quero dizer”, explicou Jim, “é que meu professor o leu para mim. Ele vem todos os dias me ensinar chinês, e então nós o estamos lendo juntos. Na verdade, meu professor quer saber se pode conseguir seu próprio exemplar. E será que é possível conseguir um exemplar em inglês para meu pai?”

Minha irmã finalmente se recuperou da surpresa. Sorriu, fazendo sinal para mim.

Jim virou-se e viu-me. “Oh, Sun Ling”, disse em chinês deficiente, “este livro é muito interessante. Estou curioso e quero saber mais sobre ele. Você pode ajudar-me?”

“Vou ficar feliz por ajudá-lo”, respondi bem devagar para que ele pudesse entender minhas palavras.

“Não consigo achar uma maneira melhor de amar o meu próximo da Austrália.” □



SÓ PARA DIVERTIR

REUNIÃO DE FAMÍLIA

SUSAN MEEKS

Ligue estes pais do Livro de Mórmon a seus filhos, colocando o número do pai no espaço diante do nome de cada filho.

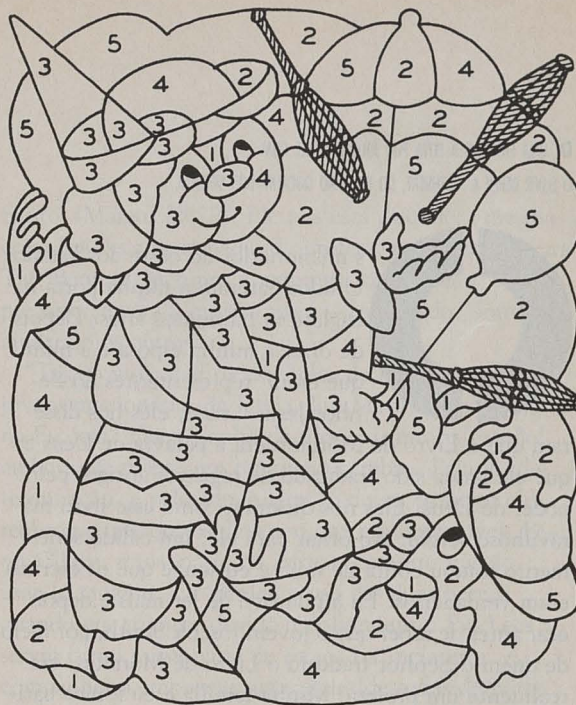
Pais

1. Léhi
2. Rei Benjamim
3. Rei Mosiah

Filhos

- | | |
|-----------|----------|
| — Aarão | — José |
| — Amon | — Lamã |
| — Helorum | — Lemuel |
| — Himni | — Mosiah |
| — Jacó | — Néfi |
| — Omner | — Sam |

Reunião de Família: Aarão (3), Amon (3), Helorum (2), Mosiah (2), Néfi (1), Omner (3), Sam (1), Himni (3), Jacó (1), José (1), Lamã (1), Lemuel (1).



SAINDO PARA A MISSÃO

ERMA REYNOLDS

Coloque o número do país em que provavelmente estaria cumprindo missão se você:



Visse pessoas usando:

- | | |
|-----------|---------|
| Sombreros | Escócia |
| Tamancos | México |
| Saiotes | Japão |
| Quimonos | Holanda |



Comesse

- | | |
|---------------------|--------------------|
| Assado em vinagre | Estados Unidos |
| Torta de maçã | Noruega |
| Crepes | França |
| Arenque em conserva | Alemanha Ocidental |



Visse:

- | | |
|---------------------------|------------|
| Policiais da Real | Itália |
| Polícia Montada | Austrália |
| O Big Bem | |
| A Torre de Pisa inclinada | Canadá |
| Grande Barreira | Inglaterra |

QUAL PALHAÇO?

ROBERTA L. FAIRALL

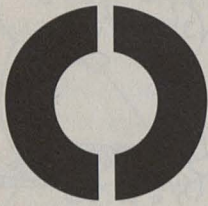
Três palhaços atuam neste circo, mas apenas um é malabarista. Pinte cada espaço que tem o número 3 para descobrir o palhaço malabarista.

IDÉIAS PARA O TEMPO DE COMPARTILHAR

1. Peça às crianças que contem experiências nas quais suas orações foram respondidas. Tudo isso poderia ser registrado e compilado em um diário de orações.
 2. Peça às crianças que desenhem e coloquem em seqüência quadros que mostrem cenas de histórias.
 3. Debata como orar.
 4. Cante "A Terna Voz" (Cante Comigo, B-92), "Ouve, Ouve" (Cante Comigo, B-3).
- (Vide Idéias para o Tempo de Compartilhar, p. 10.) □

D E U M A M I G O

DE UMA ENTREVISTA FEITA POR JULIE WARDELL COM
O ÉLDER DEREK A. CUTHBERT, DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA.



s missionários do oeste dos Estados Unidos bateram à minha porta na Inglaterra há muitos anos. Depois de dizer à minha esposa e a mim que eram representantes do Senhor Jesus Cristo, eles nos disseram que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus e que ele havia sido traduzido de registros antigos pelo poder de Deus. Eles nos disseram como esse livro maravilhoso surgiu. Ao olhar para ele, um cálido sentimento tomou conta de mim e eu soube que os escritos eram verdadeiros. Eu ainda tive de ler mais e depois orar antes de saber que o jovem Joseph Smith, por meio de quem o Senhor traduziu o Livro de Mórmon, era realmente um profeta. Minha família e eu fomos batizados. Um desejo de saber a verdade, junto com estudo e oração, deram-me um testemunho. Todos podem receber a mesma bênção por meio de estudo e oração. O Presidente Benson desafiou todos os membros da Igreja a lerem o Livro de Mórmon todos os dias porque isso nos aproximará mais de nosso Pai Celestial e de Jesus do que qualquer outro livro.”

Lembrando de sua infância na Igreja da Inglaterra, o Élder Cuthbert disse: “Eu cantava no coro da igreja em três serviços a cada domingo. Quando tinha onze anos, a regente do coro foi para Zululand, África do Sul, como missionária. O exemplo dela despertou meu interesse pela obra missionária desde bem pequenino.

“Depois que me filiei à Igreja verdadeira do Senhor, ele chamou-me como missionário de distrito, depois como missionário de estaca, e mais tarde como presidente de missão. Agora, como Autoridade Geral, serei sempre missionário. Um Setenta é uma testemunha especial de Jesus Cristo para todo o mundo.

“Estou certo de que as crianças da Primária conhecem muitos missionários, alguns talvez em sua própria família. Eles são exemplos que vocês devem seguir; Jesus quer que todos nós sejamos missionários. Uma de minhas escrituras preferidas encontra-se em Mateus, quando Jesus instruiu seus apóstolos pouco antes de subir aos céus: ‘Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito

Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome



D P A R A O U T R O

do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mateus 28:19).



Santo' (Mateus 28:19). Ele nos está dizendo a mesma coisa hoje por intermédio do profeta, o Presidente Ezra Taft Benson. Meninos e meninas, comecem a preparar-se para a missão agora—estudando, orando e ajudando os outros.

“Tenho visto muitos exemplos de fé e coragem nos jovens missionários da Igreja. Ian Menzies, missionário na Escócia, disse: ‘Tenho de terminar minha missão’, embora ele tivesse um tumor no cérebro. Pela fé, determinação, e pela administração do sacerdócio, ele realizou o que outros disseram que era impossível. Peter Chaya, missionário na África, cumpriu missão usando muletas. Ele perdeu o uso das duas pernas quando era criança, devido à poliomielite. Pip Lees serviu como missionária de estaca na Inglaterra. A companheira empurrou sua cadeira de rodas de porta em porta durante dois anos.

“Durante o mês de dezembro de 1987, tive algumas designações da Igreja na Bolívia, um belo país da América do Sul onde a Igreja está crescendo rapidamente. O Representante Regional naquela época, o élder Philip Kradolfer, acompanhou-me, e levava uma grande mala cheia de brinquedos. Pouco antes do Natal, todos os anos, seus filhos davam alguns de seus melhores brinquedos para crianças menos afortunadas que moravam no Altiplano da Bolívia. Foi maravilhoso ver o rosto das crianças quando recebiam uma boneca, um jogo, um livro, ou uma bolsa. Jesus ensinou que é melhor dar do que receber, e tenho certeza de que vocês sentiram a mesma felicidade quando secretamente ajudaram alguém.”

O Élder Cuthbert quando servia na América do Sul, disse: “encontrei muitas pessoas que quase não tinham o que comer, moravam em casas muito pobres. Muitos estão ouvindo o evangelho e estão sendo batizados. As crianças estão assistindo à Primária e também preparando-se para a missão, exatamente como vocês.

Em suas orações, lembrem-se desses meninos e meninas que levam uma vida árdua. Quando vocês em oração expressarem gratidão pelas bênçãos de que desfrutaram, encham-se de gratidão e deixem que o serviço ao próximo demonstre tal sentimento. Se ajudarem outras crianças, vocês não vão querer tanto para si mesmos.” □

JOVEM MISSIONÁRIO

JON B. FISH (pai de Gavin)

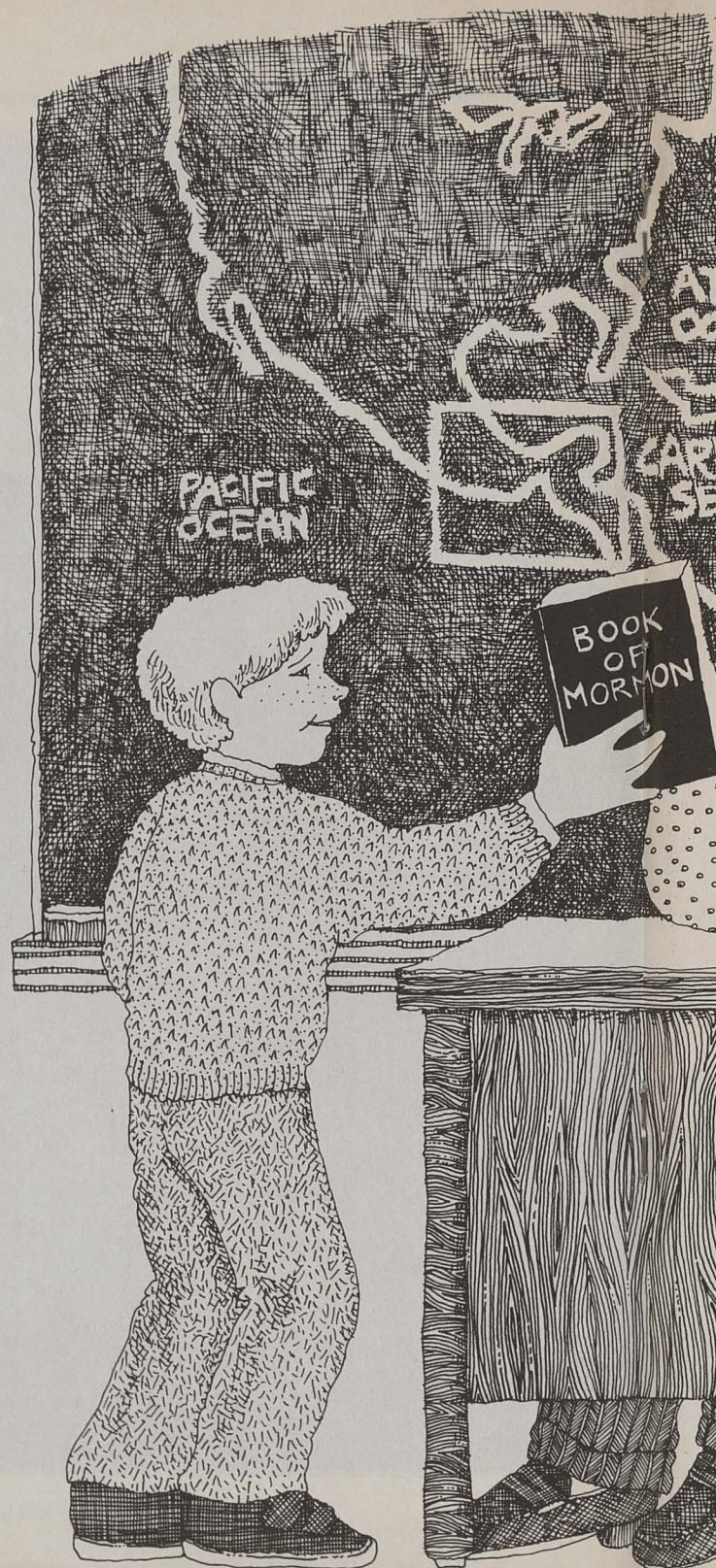
Gavin, com dez anos de idade, está na quinta série e gosta de realizar a obra missionária. Já duas vezes deu a seus amigos exemplares do Livro de Mórmon, e muitas vezes convidou seus amigos não-membros para a noite familiar. Ele sempre ora para que seja um bom missionário.

Certa sexta-feira, o sr. Leitzmiller, professor de Gavin na escola, havia dado sua aula sobre os índios Maia do México e da América Central. Depois que a aula terminou e os alunos estavam saindo da classe, ele parou Gavin e perguntou se podiam conversar por um momento. Quando estavam sozinhos, o sr. Leitzmiller (que não era membro da Igreja), disse: "Você sabe se Jesus apareceu aos índios no continente americano depois que morreu na cruz?"

Lembrando-se do que aprendera na noite familiar, na Primária, e em outras ocasiões, Gavin respondeu: "Sim, ele apareceu!"

"Uma vez eu tive um companheiro de quarto na faculdade que era mórmon," continuou o sr. Leitzmiller, "e lembro-me de que ele me contou a respeito de Jesus ter vindo ao hemisfério ocidental depois da ressurreição. Gavin, você tem um livro que conte a respeito dessa visita?"

"Sim," respondeu Gavin. "Chama-se o Livro de Mórmon."



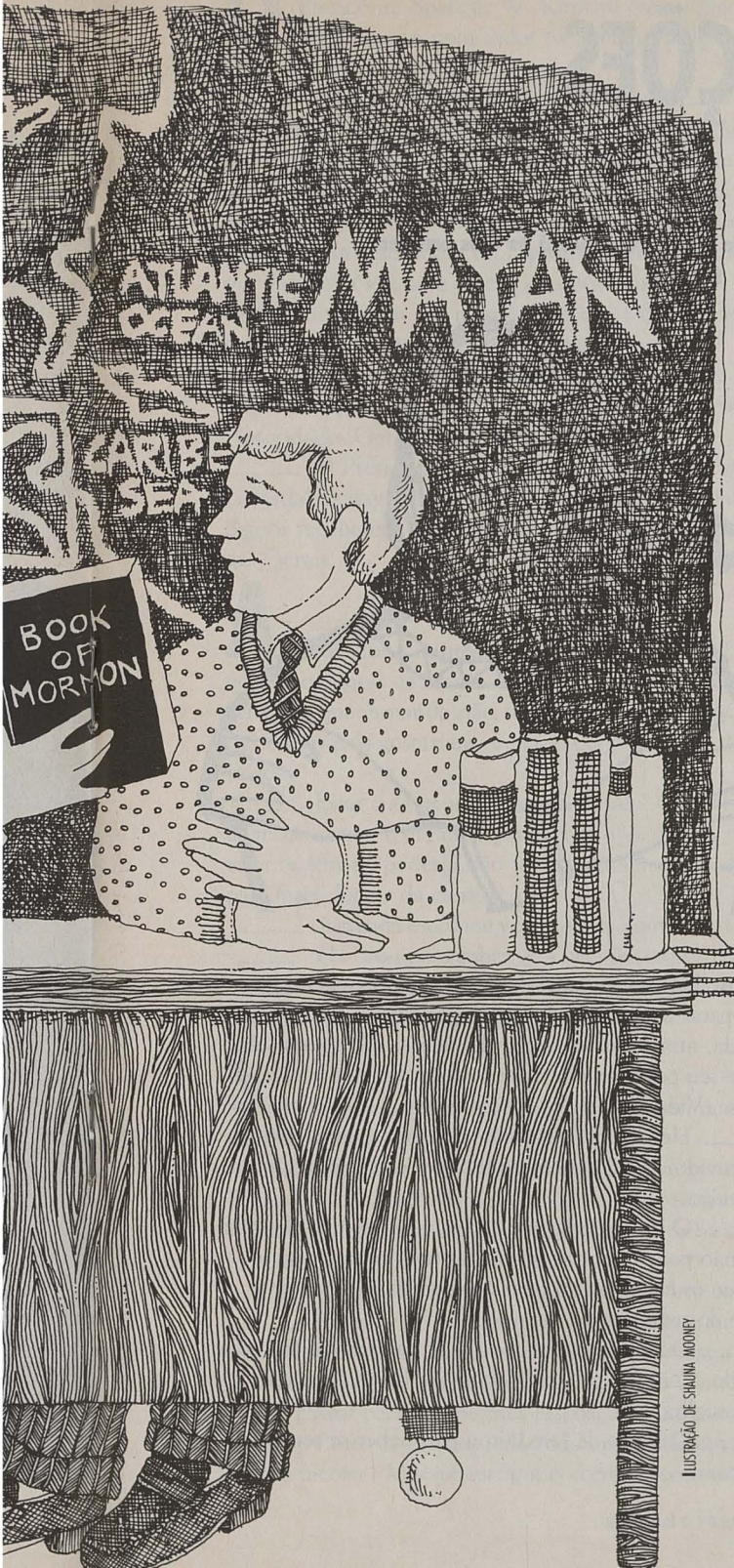


ILUSTRAÇÃO DE SHARONA MOONEY

O sr. Leitzmiller perguntou-me, “Você sabe se Jesus apareceu no Continente Americano depois que morreu na cruz?”

“Você pode trazê-lo para a escola na segunda-feira?”, perguntou o professor com grande interesse.

Gavin disse que o traria.

Naquela noite, durante o jantar, Gavin contou a seus familiares sobre o pedido do professor. Todos ficaram muito animados pela oportunidade de Gavin fazer um pouco mais pela obra missionária.

No domingo, o pai de Gavin foi à estaca e apanhou o livreto “Cristo na América” que conta o que aconteceu quando Jesus visitou as Américas depois que foi crucificado.

Naquela noite, Gavin escreveu com cuidado na contracapa de um exemplar novo do Livro de Mórmon: “Este livro conta sobre a visita de Jesus à América. É uma história verdadeira.”

Na segunda-feira cedo, Gavin levou o exemplar do Livro de Mórmon, para a escola, com o livreto dobrado dentro dele, e o deu ao professor antes que a aula começasse. “Sr. Leitzmiller, aqui está o livro que o senhor me pediu que trouxesse”, disse ele. “Espero que o leia.”

O professor prometeu a Gavin que o leria, e Gavin correu para brincar lá fora antes que tocasse o sinal para o início das aulas.

Quando Gavin fez as orações naquela noite, pediu ao Pai Celestial que abençoasse seu professor quando lesse o Livro de Mórmon, de modo que ele conhecesse a verdade sobre Jesus. □

POSSO RECEBER RESPOSTAS ÀS ORAÇÕES

LAUREL ROHLFING

Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá às tuas orações (Doutrina e Convênios 112:10).



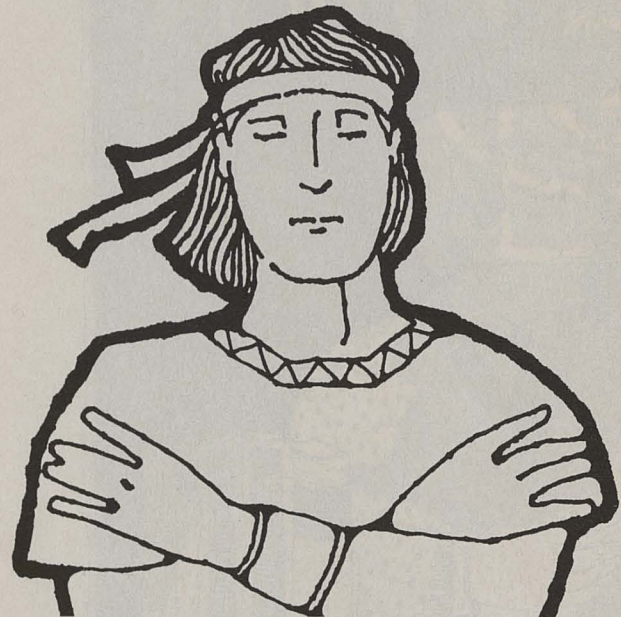
É uma bênção maravilhosa saber que podemos orar ao Pai Celestial e que ele sempre responderá às orações. Algumas vezes ele vai responder sim, às vezes ele vai responder não, e às vezes a resposta talvez demore bastante para vir, mas as orações feitas com fé sempre serão respondidas.

As respostas do Pai Celestial geralmente vêm com muita calma. Raramente ouviremos com os ouvidos normais. Elas vêm em forma de sentimentos cálidos de paz no coração, ou em forma de pensamentos. (Vide Doutrina e Convênios 8:2.)

Para ajudá-lo a preparar-se para receber respostas para suas orações, o Pai Celestial lhe deu os passos a seguir (vide Doutrina e Convênios 9:8-9):

1. Estude a situação e pense nas escolhas que pode fazer.
2. Decida a escolha que lhe parece melhor.
3. Pergunte ao Pai Celestial se a escolha está correta.
4. Ouça com o coração e a mente. Se a escolha for certa, você vai sentir-se bem interiormente.
5. Se a escolha for errada, você não se sentirá bem e deve fazer uma escolha diferente.

Nas seguintes histórias, as pessoas usaram esses passos para receber respostas a suas orações. Em cada espaço em branco, escreva o número do passo que foi usado. Depois leia as sentenças na ordem correta.



Foi dada ao irmão de Jared a incumbência de preparar barcos para levar seu povo até a terra prometida, atravessando as grandes águas. Ele queria saber o que seu povo poderia fazer para ter luz nos barcos escuros. (Vide Éter 2:19; 22-25; 3:1-6.)

_____ Ele decidiu preparar dezesseis pedras brancas como vidro. Se o Senhor as tocasse, elas brilhariam na escuridão.

_____ O irmão de Jared estudou o problema. Ele sabia que não poderia construir janelas nem acender fogo porque os barcos iriam ficar debaixo da água durante parte do tempo.

_____ O Senhor estendeu a mão e tocou as pedras com o dedo. O irmão de Jared soube que havia feito uma boa escolha.

_____ O irmão de Jared orou para saber se seu plano era bom.

O Presidente Spencer W. Kimball estava preocupado porque nem todos os homens da Igreja podiam receber o sacerdócio.

— Uma das Autoridades Gerais disse que havia um sentimento sagrado na sala. O Espírito de Deus estava lá. O Espírito Santo transmitiu ao Presidente Kimball um sentimento especial de que aquilo pelo que ele havia orado era correto. Todos os presentes sabiam a mesma coisa pelo poder do Espírito Santo. Eles não ouviram uma voz com os ouvidos normais, mas o Espírito sussurrava em sua mente e em seu coração que a escolha era correta.

— Ele passou muitas horas e dias orando e pensando a respeito do assunto. No templo, perguntou às Autoridades Gerais o que achavam.

— O Presidente Kimball decidiu perguntar ao Pai Celestial se havia chegado a hora de todos os homens dignos receberem o sacerdócio e orou com as Autoridades Gerais.

Amanda tinha muitos amigos que assistiam a filmes no vídeo depois da escola. Alguns dos filmes tinham cenas de que Amanda não tinha certeza se o Pai Celestial e seus pais gostariam, e ela se perguntava se devia vê-los.

— Estar com os amigos era divertido. Os filmes não eram *tão* ruins, e ela fazia parte do grupo. Se ela não visse os filmes, poderia não ter absolutamente nada para fazer depois da escola.

— Amanda escolheu ver os filmes com seus amigos.

— Ela orou para saber se a decisão estava correta.

— Amanda sentiu-se pouco à vontade em relação à decisão de assistir os filmes.

Sammy queria saber se o Livro de Mórmon era verdadeiro.

— Leu o Livro de Mórmon e pensou a respeito dele. Ele gostou das histórias e das coisas que aprendeu.

Sammy decidiu que o Livro de Mórmon tinha de ser verdadeiro.

— Ele orou para saber se sua decisão era correta.

— “Meu peito parecia estar queimando, e eu soube que era verdadeiro. Senti no coração”, disse Sammy.

Você pode fazer um móbile para ajudá-lo a lembrar-se dos passos para recebermos respostas às orações. Instruções: Corte as figuras, cole cada uma delas em papel duro e recorte. Marque as figuras corretamente com as

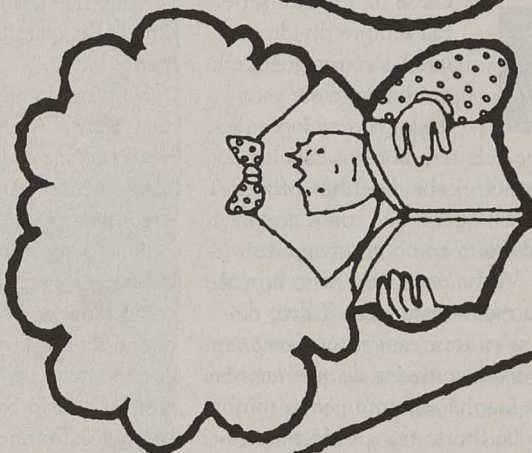


ILUSTRAÇÃO DE SHALINA MOONEY



palavras: ORAR, ESTUDAR E PENSAR, FAZER UMA ESCOLHA, ESCUTAR. Faça um furo em cada figura, depois ponha linha ou barbante de diferentes comprimentos nesses furos. Amarre os fios em lugares diferentes em um pedaço de arame ou cabide de arame, e pendure onde desejar. Pendure o móbile no seu quarto. □

(Vide Idéias para o Tempo de Compartilhar, página 5.)

EXATAMENTE COMO SARA

CLARE MISHICA

Todos gostam de Sara na classe da terceira série. Ela sempre divide o lanche com alguém e é a primeira a ser escolhida para os jogos de equipe. Ela tem bonitos cabelos castanhos e sabe desenhar belas figuras. Eu queria que todos gostassem de mim como gostavam de Sara. Vinha pensando nisso ao voltar da escola para casa. *Talvez decidi, se eu fosse exatamente como Sara, todos gostassem de mim também.*

Na manhã seguinte pedi a minha mãe que fizesse tranças no meu cabelo, exatamente como as de Sara. Amarrei uma fita vermelha na ponta de cada trança -vermelho era a cor preferida de Sara. Depois vesti um suéter. Sara sempre usava um suéter.

Quando chegou a hora da aula de artes, a srta. Williams quis que nós fizéssemos um desenho sobre o verão. Observei Sara, e então desenei rãs, patos e crianças nadando em um lago, exatamente como no desenho de Sara. As crianças gostaram do desenho dela, mas ninguém disse nada do meu.

No intervalo, Sara estava pulando corda com um grupo de me-

ninas, e então me juntei a elas. Na verdade não gosto de pular corda, e fiquei feliz quando o sinal finalmente bateu.

Na hora do almoço, Sara comeu com Sally e Anna. Comi sozinha. *Não estou me empenhando o suficiente, pensei. Amanhã vou me esforçar mais.*

No dia seguinte, levei minha bolsa para a escola, exatamente como Sara faz. Vesti-me como Sara também. Até levei o mesmo tipo de sanduíche de que Sara tanto gosta. Quando Sara se apresentou como voluntária para apagar o quadro negro no final das aulas, eu também me apresentei. No intervalo, segui Sara até a quadra. Ela foi escolhida primeiro. Eu fui a penúltima escolhida. Eu não gostava de jogar bola, assim como não gostava de pular corda. Na hora do almoço Sara comeu com Jenny e Michael, e eu comi sozinha outra vez.

Quando tivemos aula de música, toquei xilofone, como Sara. E quando Sara ajudou Billy na aula de matemática, eu disse à srta. Williams que podia ajudar também. Ela disse: "Obrigada por se oferecer, mas você precisa terminar sua tarefa primeiro." Algumas meninas ri-

ram de mim, e a srta. Williams mandou que ficassem quietas. Senti-me muito mal. Era difícil ser como Sara.

Depois das aulas, eu fiquei e ajudei Sara a apagar o quadro negro porque ela havia se oferecido. Todos os outros saíram para brincar enquanto esperavam os ônibus da escola que os levariam para casa. O sol estava brilhando e eu queria sair também.

"Qual quadro negro você quer apagar?" perguntou Sara.

"Vou apagar o da frente", disse eu. Era o menor, e eu queria acabar logo.

"Está bem", disse Sara, e pegou dois apagadores. Sara murmurou a música nova que havíamos aprendido na aula de música enquanto trabalhava. Era uma canção muito bonita. Logo eu estava cantando.

Sara parou de trabalhar. "Katie", disse ela, "você tem uma voz muito bonita—e boa memória também. Eu ainda não consegui aprender a letra inteira."

Eu a olhei, surpresa. "Obrigada", disse eu. "Acho que minha aula preferida é a de música."

Durante todo o caminho de casa, pensei no que Sara havia dito. Te-



Talvez, decidi, se eu fosse exatamente como Sara, todos gostassem de mim também.



ILUSTRAÇÃO DE SHAINA MOONEY

nho boa memória e canto bem. pensava eu. Então percebi que cada pessoa é diferente, mas que todos podem destacar-se em alguma coisa. Também percebi que não podia realmente ser como Sara—a não ser de uma maneira especial que eu não tinha tentado ainda.

No dia seguinte, vesti *minha* camisa preferida. Pedi à minha mãe que me fizesse um belo “rabo de cavalo”, e levei um sanduíche de que eu gostava. No intervalo, joguei voleibol—gosto muito de jogar voleibol.

Na hora do almoço, Sara comeu com Susan. Olhei à minha volta e vi Andy comendo sozinho. Poucas pessoas falavam com Andy. Andei até onde ele estava e sorri para ele. “Posso comer com você hoje?”, perguntei. “Você pode falar-me sobre a fazenda que visitou.”

Andy sorriu. “Claro”, disse ele, afastando o saco onde estava o lanche para dar espaço.

Sentei para comer, e fiquei mais feliz do que nunca. Ser amável e gentil era a melhor maneira de ser exatamente como Sara. □



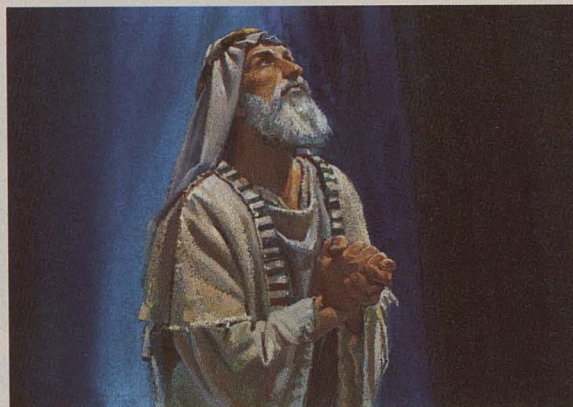
O SONHO DE LÉHI



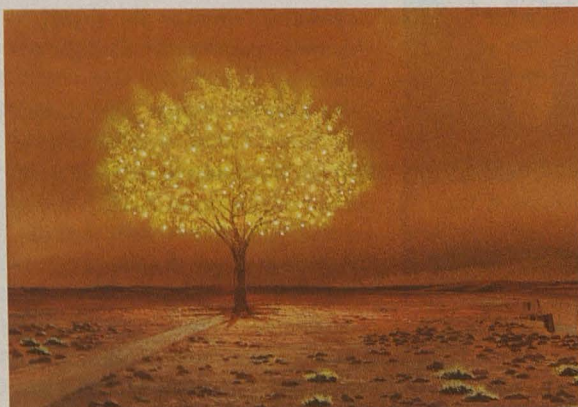
Léhi falou à sua família a respeito de uma importante visão que teve em um sonho. O sonho de Léhi o fez sentir-se feliz por Néfi e Sam, mas triste por Lamã e Lemuel. 1 Néfi 8:2-4



Léhi viu um homem vestido de branco, que pediu a Léhi que o seguisse. Léhi sonhou que o seguiu até chegar a um deserto escuro e desolado. 1 Néfi 8:5-7



Depois de viajar por muito tempo nesse deserto, Léhi orou por ajuda. 1 Néfi 8:8-9



Depois de orar, Léhi viu uma árvore. A árvore tinha frutos brancos. Esse fruto doce e branco trazia felicidade àqueles que do comiam. 1 Néfi 8:10-11



Léhi provou do fruto e encheu-se de alegria. Léhi queria que sua família comesse do fruto, porque sabia que ele os faria felizes também. 1 Néfi 8:12

ILUSTRAÇÃO DE FERRY THOMPSON



Léhi viu um rio perto da árvore. Na cabeceira do rio ele viu Saríah, Sam e Néfi.
1 Néfi 8:13-14



Léhi chamou a esposa e os filhos para que viessem e provassem do fruto. Saríah, Sam e Néfi provaram do fruto, mas Lamã e Lemuel não quiseram vir. 1 Néfi 8:15-18



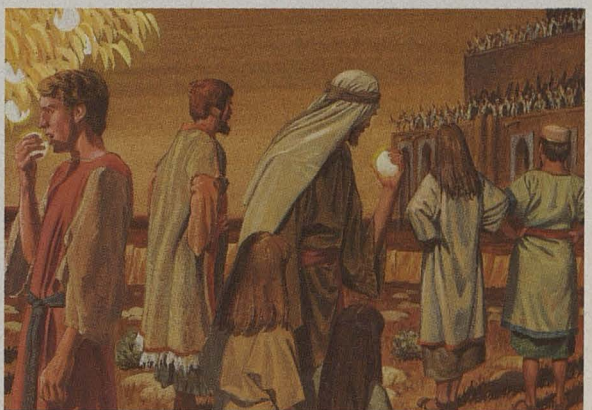
Léhi também viu uma barra de ferro e um caminho reto e estreito que levava à árvore.
1 Néfi 8:19-20



Ele viu muitas pessoas que caminhavam em direção a essa trilha. Algumas começaram a percorrer o caminho. Devido à nevoa e à escuridão, algumas pessoas se soltavam da barra de ferro e perdiam-se. 1 Néfi 8:21-23



Algumas pessoas seguravam firmemente na barra de ferro e conseguiam atravessar a escuridão e chegar na árvore. Então comiam do fruto da árvore. 1 Néfi 8:24



As pessoas que estavam num grande edifício do outro lado do rio caçoavam daqueles que comiam do fruto. Algumas pessoas que comiam do fruto ficavam envergonhadas e iam embora e se perdiam. 1 Néfi 8:25-28



Léhi viu muitas pessoas. Algumas seguravam a barra de ferro. Elas atravessavam a escuridão e provavam do fruto. Outras se dirigiam ao grande edifício. Outras se afogavam ou se perdiam.

Lamã e Lemuel não quiseram vir e comer do fruto. Léhi se preocupou com eles. Ele tentou ajudá-los a acreditarem no evangelho e a obedecerem aos mandamentos de Deus. 1 Néfi 8:29–38

COMECE AGORA!

Você pode começar a aprender agora algumas coisas que usará com frequência na missão. Não deixe para depois o aprendizado dessas coisas porque elas serão muito úteis na missão.

Aceite designações para falar. Quando lhe pedirem que seja o orador dos jovens em sua ala, aceite a designação e aprenda como preparar um bom discurso. Você terá muitas oportunidades de falar na missão.

Aprenda a memorizar. Aprender a memorizar enquanto está crescendo, vai ajudá-lo quando tiver de decorar palestras e escrituras.

Aprenda a se relacionar com as pessoas educadamente. Na missão, você conhecerá muitas pessoas. Aprenda agora a ser educado e sensível ao conhecer pessoas. Desenvolva a capacidade de ouvir os recém-chegados e a fazer com que se considerem bem-vindos.

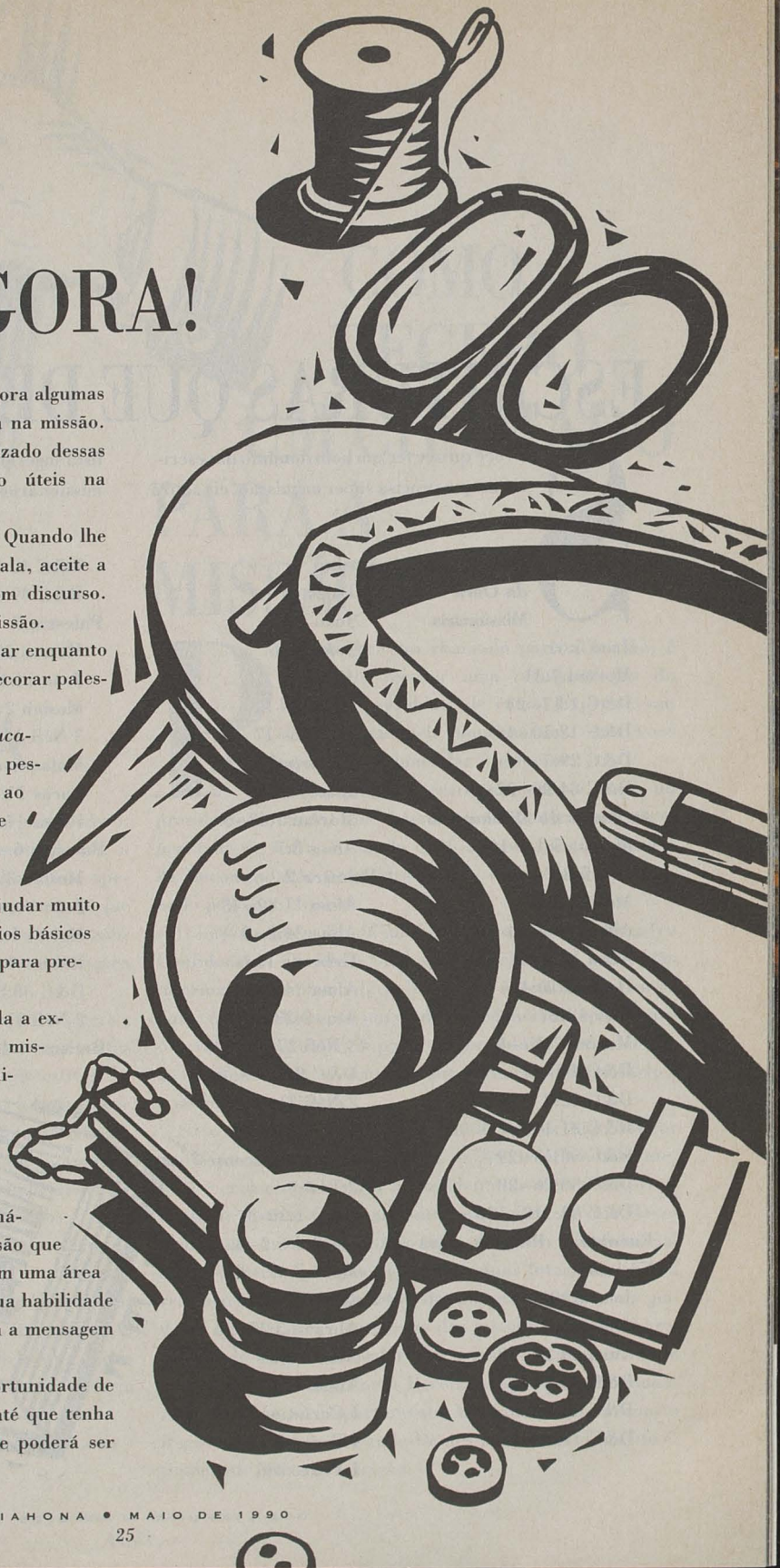
Aprenda a cozinhar e a lavar roupa. Vai ajudar muito na vida como missionário já saber os princípios básicos para manter suas roupas em boas condições e para preparar refeições bem equilibradas.

Acostume-se a alimentos diferentes. Aprenda a experimentar alimentos novos e diferentes. Na missão, você terá a oportunidade de conhecer muitos pratos que podem ser estranhos para você. Aprenda a provar coisas novas.

Aprenda uma segunda língua. Uma segunda língua—sempre é útil saber—pode ser um grande trunfo para você como missionário. Mesmo que seja designado para uma missão que tenha a sua língua nativa, poderá trabalhar em uma área em que haja pessoas vindas de outro país, e sua habilidade lingüística pode ser a chave para tocá-los com a mensagem do evangelho.

Estude piano ou órgão. Se você tiver a oportunidade de ter aulas de piano ou de órgão, não desista até que tenha habilidade para tocar hinos. Essa habilidade poderá ser útil para as pessoas a quem você servirá. □

ILUSTRAÇÃO DE SCOTT GREER



ESCRITURAS QUE DEVO SABER

Se você quiser ter um bom domínio das escrituras que precisa saber na missão, eis aqui a

lista sugerida no programa de estudo do evangelho para os missionários:

O Propósito da Obra Missionária

Jacó 5:61
Morôni 7:31
D&C 1:17-23
D&C 18:10-16
D&C 29:7
D&C 84:20-22

Atributos do Missionário

Mateus 5:14-16
1 Néfi 3:7
Mosiah 3:19
Alma 7:23-24
Alma 17:2-3
Helamã 10:4
Éter 12:27
Morôni 7:45-48
D&C 4:1-7
D&C 12:8
D&C 31:1-7
D&C 50:13-29
D&C 58:26-28
D&C 88:118-126

Encontrar Pessoas para Ensinar

Jacó 1:19
Alma 8:10
Alma 26:29-30
D&C 33:8-11
D&C 60:2
D&C 112:5

Ensino

Palestra 1
João 3:16
João 14:6
JS 2:8
JS 2:11-12
JS 2:16-17
II Coríntios 13:1
João 14:26
Morôni 10:3-5

Amós 3:7

Palestra 2

Alma 11:42-43
Alma 34:8-9
Hebreus 11:6
Alma 34:17
Atos 2:38
3 Néfi 27:20
D&C 82:8-9
2 Néfi 31:4-7

Palestra 3

II Tessalonicenses 2:1-3
D&C 1:30
Morôni 6:2-4
Morôni 6:5-6

Palestra 4

Abraão 3:22-25
Alma 12:24
Alma 40:11
I Coríntios 15:40-42
I Pedro 3:18-19
I Pedro 4:6

D&C 42:22-25
D&C 89:18-21

Palestra 5

Mateus 22:37-39
João 14:15
Mosiah 2:17
3 Néfi 13:33
Malaquias 3:8-11
Lucas 21:1-4
I Reis 17:8-16

Palestra 6

Mosiah 3:8
João 14:6
Moisés 1:39
Efésios 4:11-12
D&C 88:81
2 Néfi 31:17-21

Batismo e Integração

João 3:2-5
Mosiah 18:8-10
D&C 20:37
D&C 20:71-74

Liderança

Êxodo 18:13-26
Mateus 20:26-27
Alma 48:11-13, 17
D&C 107:99-100
D&C 121:34-46





VESTUÁRIO E APARÊNCIA

Enquanto estiver servindo como missionário, sua aparência deve ser compatível com a de um representante do Senhor. Sua aparência deve reforçar e não depreciar o que você diz. Vestuário e aparência adequados o ajudarão a ganhar o respeito e a confiança daqueles com quem você trabalha.

1. Os missionários devem vestir-se de maneira discreta e conservadora. Os élderes usam camisas brancas e gravatas discretas. Use terno em cores discretas quando estiver fazendo proselitismo e em todas as reuniões, a menos que receba uma orientação diferente do presidente da missão. As missionárias usam cores discretas. As saias e vestidos devem cobrir os joelhos. Trajes de calças compridas e casaco, e saias e vestidos longos não são apropriados.

2. Os élderes devem manter o cabelo cortado acima do colarinho e das orelhas. Estilos exagerados e volumosos não são aceitáveis. Não se permite bigode ou barba, e as costeletas não devem ultrapassar a metade da orelha. As missionárias devem escolher estilos de cabelo que sejam discretos e facilmente mantidos. Os missionários devem manter o cabelo limpo e sempre bem penteado.

3. Os missionários devem estar sempre bem arrumados e limpos. □

COMO RECEBO UM CHAMADO PARA A MISSÃO?

Para receber um chamado para a missão, é necessário receber uma recomendação do bispo ou presidente de ramo. Exprese seu desejo de cumprir uma missão, mas você não pode recomendar a si mesmo.

Marque uma entrevista com o bispo ou presidente de ramo, que determinará sua dignidade e capacidade de servir. Quando ele o aprova, um formulário de Recomendação para Missionário é preenchido e assinado por você e por ele.

O bispo também lhe dá um formulário chamado Registro Confidencial—Saúde—Dentes. Preencha uma parte das informações do formulário relativas à saúde e a outra parte é preenchida por um médico credenciado, que depois o devolve a seu bispo. A parte do formulário que se refere aos dentes é dada ao dentista, que preenche o formulário e o devolve a seu bispo.

Se o Registro Confidencial Saúde-Dentes não indicar nada que afete sua capacidade de servir eficientemente, você é encaminhado para o presidente de estaca ou presidente de distrito para uma outra entrevista. Leve a Recomendação para Missionário e o Registro Confidencial Saúde-Dentes. É necessário anexar duas fotografias à sua recomendação. Nessas fotos devem ser mantidos os padrões de vestuário e aparência dos missionários. Se o presidente da estaca concordar com o bispo em recomendá-lo para a missão, ele assina a Recomendação para Missionário e a envia ao Departamento Missionário junto com o Registro Confidencial Saúde-Dentes para processamento e, finalmente, para designação. □

O QUE LEVAR

Perguntamos aos ex-missionários quais as coisas que os fez se sentirem felizes por terem levado consigo na missão e quais as coisas que desejariam ter posto nas malas. Os itens a seguir talvez não estejam mencionados na lista-padrão, mas, em todo caso, o missionário pode alegrar-se por tê-los levado consigo.

1. Corda para varal e pregadores de roupa.
2. Copo e colheres para medida. Estes itens essenciais para cozinhar parecem nunca estar à mão quando se deseja.
3. Receitas familiares. Provavelmente o missionário assumirá alguma responsabilidade na cozinha, tanto para si mesmo como para seu companheiro. Talvez queira lembrar especificamente como preparar algo que sua mãe faz. (A propósito, a maior parte dos países do mundo usam o sistema métrico decimal, mas é possível que o missionário esteja em missão numa área em que necessite converter para outros sistemas métricos.)
4. Botões extras que combinem com todas as suas roupas.
5. Um pedaço de

fecho Velcro. Será uma surpresa ver as diferentes utilidades que ele tem.

6. Sandálias.
7. Pares de sapato extras ou outras peças de vestuário, se o seu número for menor ou maior do que a média.
8. Para dias chuvosos, galochas de borracha para usar sobre os sapatos comuns.
9. As missionárias que usam tamanho incomum de meias de nylon devem levar muitos pares extras. Nem todos os tamanhos poderão estar disponíveis em muitos países.
10. Um par extra de óculos ou de lentes de contato.
11. Um estojo de primeiros socorros com medicamentos e remédios de uso comum.
12. Um estojo de costura com linhas que combinem com todas as suas roupas.
13. Tesoura e/ou canivete. □





CORTESIA NA IGREJA

Para os missionários, as normas comuns de cortesia são essenciais. Eis algumas coisas a se pensar:

1. Sorria amavelmente e cumprimente os membros e os pesquisadores calorosamente.
2. Fale com mais suavidade e ande mais devagar em áreas do edifício onde houver muitas pessoas.
3. Evite o comportamento turbulento.
4. Chegue a tempo em todas as reuniões. Esteja em seu lugar cinco minutos antes do início da reunião.
5. Não penteie o cabelo nem corte as unhas nas reuniões da igreja.
6. Não coma, não masque chiclete, nem use palitos de dente na igreja.
7. Cante com os outros todas as músicas.
8. Ouça em silêncio e com atenção. Não durma nem aja como se estivesse entediado.
9. Ajude, não atrapalhe, a reverência na capela.
10. Diga "amém" num tom suficientemente alto para ser ouvido no final das orações. □



PROGRAMA DIÁRIO DO MISSIONÁRIO

O tempo do missionário é precioso, e assim cada dia deve ser aproveitado ao máximo. Segue-se um exemplo de horário diário recomendado:

- 6:30 min Levantar
- 7:00 Estudo com o companheiro
- 8:00 Desjejum
- 8:30 min Estudo Pessoal
- 9:30 min Proselitismo
- 12:00 Almoço
- 13:00 Proselitismo
- 17:00 Jantar
- 18:00 Proselitismo
- 21:30 min Fim do proselitismo; planejamento das atividades do dia seguinte
- 22:30 min Recolher-se

Se estiver servindo em um lugar onde esteja aprendendo uma outra língua, estabeleça um tempo todos os dias para estudar essa língua. Programe também um horário para escrever no diário e para exercícios regulares. □

PODERIA EU SER UM MISSIONÁRIO?

SEI QUE A IGREJA É VERDADEIRA, MAS SOU MUITO TÍMIDO E NÃO SOU BOM ALUNO. NÃO POSSO ME IMAGINAR MEMORIZANDO ESCRITURAS OU APRENDENDO UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA. A IDÉIA DE BATER ÀS PORTAS OU DE DAR AS PALESTRAS SIMPLEMENTE ME APAVORA. COMO PODEREI SER MISSIONÁRIO UM DIA?

As respostas têm o propósito de ajudar e orientar, e não de ser um pronunciamento da doutrina da Igreja.

NOSSA RESPOSTA:

Os missionários vêm com as mais diferentes alturas, formas físicas e personalidades e com talentos diferentes. Alguns chegam ao campo missionário com personalidade sociável e confiante; outros são tímidos. Alguns foram bons alunos na escola; outros não. Alguns participaram de esportes, enquanto outros evitaram o atletismo.

Essa variedade de missionários é necessária para atingir todas as pessoas do mundo. Alguns podem ser capazes de atingir determinadas pessoas no campo mis-

sionário, enquanto outros não são.

Ser tímido não é a pior coisa do mundo. Moisés era tímido. Quando o Senhor o chamou para tirar os filhos de Israel do Egito, ele se julgava totalmente inapto. Ele disse: "Ah! Senhor! eu não sou homem eloquente nem de ontem, nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca, e pesado de língua."

E disse-lhe o Senhor: "Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai pois agora, e eu serei

com a tua boca, e te ensinarei o que há de falar" (vide Êxodo 4:10-12).

Jeremias também era tímido. Quando o Senhor o chamou, ele disse: "Ah! Senhor Jeová! Eis que não sei falar; porque sou uma criança."

O Senhor respondeu a Jeremias: "Não digas: eu sou uma criança; porque onde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás. Não temas diante deles; porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor" (vide Jeremias 1:6-8).

As pessoas não se filiam à Igreja devido aos grandes argumentos persuasivos dos missionários. Elas se filiam à Igreja porque são tocadas pela influência do Espírito Santo, que os missionários têm em abundância quando são fiéis. O missionário pode ter essa poderosa influência consigo na missão. Ela é mais eficiente do que qualquer outra coisa para atingir a vida das pessoas.

Além disso, por que supor que o Senhor envia moças e rapazes inexperientes ao campo missionário? Por que ele não manda apenas os

mais instruídos e corajosos para ensinar seu evangelho? Porque, mais do que tudo, ele precisa que seus missionários sejam humildes e dedicados.

"Dou a fraqueza aos homens" diz o Senhor, "a fim de que sejam humildes; minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles" (Êter 12:27).

Essa é uma promessa do Senhor. Se for humilde e tiver fé e trabalhar bastante na missão, o jovem fará as coisas fracas tornarem-se fortes, e não será a mesma pessoa que era quando partiu, ao voltar da missão. Moisés desenvolveu-se a serviço de Deus. Jeremias mudou à medida que serviu de todo o coração, poder e força. O missionário também mudará de maneira que o ajudará pelo resto de sua vida.

O Senhor precisou de Moisés e de Jeremias, embora ambos se julgassem inaptos. O Senhor precisou de um rapaz de quatorze anos com pouca instrução chamado



ELDER JACOBSON
1941-1942
1943-1944
1945-1946
1947-1948

Joseph Smith. O Senhor precisou dos dois mil filhos de Helamã que nunca antes haviam lutado, mas tinham fé em que o Senhor os abençoaria. O Senhor precisou do jovem pastor Davi para derrotar um gigante chamado Goliás.

E o Senhor precisa de você também.

RESPOSTA DOS JOVENS:

Estude, ore, e pense sempre em uma missão. No início será difícil, mas o Senhor vai ajudá-lo. Não se preocupe em ser capaz de aprender. Isto acontecerá à medida que crescer por meio do seminário e do estudo individual. Quando não puder atingir alguma coisa por si mesmo, simplesmente faça o melhor que puder e o Senhor o ajudará. Também não deixe que sua timidez seja um obstáculo. Certifique-se apenas de que seu testemunho cresça, e você crescerá em todos os aspectos. E peça sempre a ajuda do Pai Celestial.



Heber Carrasco, 17
Cuzco, Peru

Entendo muito bem como se sente. Também fiz a mim mesma essa pergunta. Enquanto pensava no assunto, recorri às escrituras. Doutrina e Convênios 31:3 diz: "Eleva o teu coração e regozija-te, pois é chegada a hora da tua missão; e a tua língua se desatará, e proclamarás novas de grande alegria a esta geração." Esta escritura realmente me ajudou a responder a essa pergunta. Sinto que todos os nossos temores serão mais facilmente superados com a ajuda do Pai Celestial.



Judi Sweeney, 17
Agawam, Massachusetts

Não é uma questão de que *você* pode fazer, mas do que Deus pode fazer. Ele é todo poderoso. Sei que quando nos esforçamos por desenvolver uma habilidade que contribui para o crescimento de sua obra, ele abençoa nossos esforços. Eu também tinha muitas dúvidas e insegurança quando comecei a missão. Muitas vezes não sabia o que dizer à porta de uma casa. Ficava mudo. Meu companheiro tinha de falar por mim, mas comecei

a empenhar-me, a esforçar-me. Essa é a chave. É verdade que há certas coisas na vida que não podemos aprender, a não ser que as coloquemos em prática. Há manuais que ensinam a nadar, mas só nadaremos quando cairmos na água. E assim é com a obra de Deus. Se nós realmente quisermos fazê-la, o Pai Celestial nos abençoará. Sei que isso é verdade.



Élder García, 20
Missão Venezuela Caracas

Sua timidez não tem de ser uma pedra de tropeço. Lembre-se de que quando Moisés foi chamado, ele também não era perfeito. Ele não achava que seria capaz de cumprir a missão que lhe fora designada, mas com a ajuda de Deus, Moisés teve sucesso. Sei que você também pode ter a ajuda de Deus se realmente quiser pregar o evangelho. Não é necessário ser um grande orador ou um grande erudito. O que você precisa é o desejo de servir. Confie no Senhor, e nos momentos em que os seus próprios talentos não forem suficientes, o Espírito colocará

em sua boca as palavras com as quais poderá comunicar sua mensagem.



Norah Beltran, 18
La Paz, Bolívia

Ore e peça a Deus que o ajude a ter a coragem de ensinar outras pessoas. Fale com ex-missionários e peça-lhes que o ajudem a preparar-se para cumprir uma missão. Fale com seus amigos não-membros a respeito do evangelho e preste testemunho a eles, e na reunião de jejum e testemunho ou em qualquer outra oportunidade que possa ter. Quanto mais prestar testemunho, mais fácil será quando sair para a missão. Leia as escrituras, e talvez seja bom tomar notas e escrever sobre o que elas falam. Se não puder decorá-las, faça fichas com algumas das escrituras mais importantes. E lembre-se, sair em missão o ajudará a vencer a timidez. Quando alguém precisa de ajuda, não espere que a peça. Ofereça seus préstimos.
Kelly Ovitt, 13
Southampton,
Massachusetts

COMBATA A FOME



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

CUMPRAMISSÃO

Podemos alimentar os que têm fome espiritual compartilhando com eles o Pão da Vida. (Vide João 6:35.)

AMOR FRATERNAL

DON L. SEARLE

TINO E QUIM MOREIRA SENTEM ALEGRIA AO AJUDAR A EDIFICAR A IGREJA EM PORTUGAL.

Para Laurentino Moreira, o evangelho era um tesouro que acabara de achar e que deveria ser dado àqueles que amava. Ao compartilhá-lo, ele iniciou muitos acontecimentos que levaram a mais de cem conversões—e talvez tenha salvado a vida de seu irmão Joaquim.

Certo dia, Laurentino—Tino para os amigos—estava em sua casa no Porto, a segunda maior cidade de Portugal, quando duas jovens bateram à sua porta. Educadamente, disse-lhes que já pertencia a uma igreja e que não tinha interesse na religião a respeito da qual elas queriam falar com ele. Quando, porém, elas perguntaram se ele gostaria de ver um filme na capela, ele concordou.

O filme, *A Primeira Visão*, foi tão interessante que Tino concordou em ouvir uma das palestras missionárias, e uma palestra levou a outra. Na segunda, ele estava começando a sentir um espírito do qual gostou muito. Ele percebeu que o que aquelas jovens estavam ensinando poderia modificar a vida dele.

“Quando as missionárias me disseram que, por intermédio da oração eu poderia perguntar a Deus se as coisas eram verdadeiras, essa idéia não era nova para mim”, explica ele. Três anos antes, ele havia lido uma série de livros sobre civilizações antigas e concluíra que Deus teve participação na origem delas. Durante mais de dois anos Tino havia recitado orações, da maneira como havia aprendido quando jovem, suplicando a Deus que o ajudasse a aprender mais a respeito daquelas civilizações. (Ele sente que essas orações foram completamente respondidas quando lhe ensinaram a respeito do Livro de Mórmon.)

Uma noite, depois de ter começado a ouvir as palestras das missionárias, Tino tinha uma pergunta básica sobre a doutrina da Igreja: Joseph Smith era um profeta de Deus? Assim, Tino fez ao Pai Celes-





tial essa pergunta. Imediatamente “comecei a sentir paz e uma grande alegria ao mesmo tempo. Um sorriso veio a meus lábios, e, de um momento para o outro, fiquei feliz. Disse a mim mesmo: ‘Bem, essa é a resposta.’”

Ele não podia guardar só para si mesmo o que estava aprendendo sobre o evangelho. Antes “eu acreditava que a vida não terminava com a morte”, lembra Tino, mas ele tinha apenas suas próprias teorias a respeito do que vinha depois da mortalidade. Agora que havia tomado conhecimento do plano de salvação, ele queria que todas as outras pessoas soubessem também. “Eu tinha alguns bons amigos. Senti a necessidade de compartilhar essa boa-nova com eles.”

Um desses “bons amigos” era seu irmão Joaquim. Quando Tino conheceu Quim para seu batismo, Quim ficou surpreso ao saber que seu irmão estivera freqüentando uma igreja.

Os irmãos haviam tido interesses diferentes no decorrer dos anos, e Quim usava drogas, levava uma vida dissoluta, e afirmava não acreditar em Deus. Sua vida estava em total degradação. “Talvez eu não estivesse vivo agora, se não tivesse conhecido a Igreja”, reflete Quim. Como, porém, Tino queria que alguns de seus familiares assistissem ao seu batismo, Quim concordou em ir.

A capela era um mundo diferente para Quim, com sua atmosfera saudável e pessoas bem vestidas. Depois do batismo, Quim foi convidado a ouvir uma palestra missionária, e, assim, ficou lá. Ele reagiu positivamente a toda ela. “Fiquei surpreso comigo mesmo”, disse ele.

No final da palestra, pediram a Quim que proferisse a oração. “Eu nunca havia feito uma oração em minha vida”, diz ele, mas os missionários me ensinaram como fazer. “Nunca fiz uma oração melhor do que a que fiz naquele momento”, lembra ele. Ao terminá-la, “levantei-me e senti como se estivesse flutuando!” Ele perguntava insistentemente aos missionários: “O que é isso? Não consigo entender. O que é isso que estou sentindo?” Um grande sentimento de paz, luz e alegria tomara conta dele. Durante toda a noite, Quim continuou a falar sobre o que havia sentido.

No dia seguinte, no entanto, ele quase se havia convencido de que a experiência não havia sido realmente tão importante. “Ouça, Tino”, disse ele, “não quero mais ir à sua Igreja.”

Durante a semana seguinte, porém, o desejo de saber por que havia tido um sentimento tão maravilhoso depois daquela oração cresceu nele. A resolução de Quim de manter-se afastado da igreja de Tino desapareceu. Era tarde da noite, lembra Tino, quando Quim o acordou, sacudindo-o, e disse, com certa intensidade: “Quero ir à Igreja amanhã.”

“E a partir daquele momento eu quis ser batizado”, diz

Quim. “Logo que ouvi as outras palestras, acreditei.” Foi uma descoberta maravilhosa saber “que nosso Pai se preocupa com cada um de seus filhos”. Ele foi batizado apenas três semanas depois de seu irmão.

Tino serviu diligentemente em todos os chamados da Igreja que lhe foram feitos após o batismo, mas depois de alguns anos percebeu que havia algo mais que ele poderia e deveria dar—o tempo exigido para uma missão de tempo integral. Ele sentia que, servindo numa missão, poderia ajudar outros jovens a acharem respostas para as mesmas perguntas a respeito da vida que o haviam deixado tão perplexo poucos anos antes.

Como Tino, Quim cumpriu uma missão em Portugal. Quando Harold Hillam, presidente da Missão Portugal Lisboa, disse a Quim: “Irmão Moreira, você vai ser missionário”, o rapaz respondeu: “Como? Não tenho dinheiro, meus pais não são membros, e eu vou ter de abandonar meus estudos.” O presidente da missão insistiu em que ele tinha de preparar-se para cumprir uma missão em poucos meses, e Quim continuou a orar, perguntando ao Senhor como isso poderia ser feito.

Certa noite, em sonho, ele se viu vestido como missionário, partindo de casa com malas, e acordou sabendo que aquilo iria acontecer. A ajuda financeira foi obtida por meio da Igreja, e Joaquim Moreira deixou a escola e aceitou o chamado. Isso é decisivo em Portugal, pois é difícil conseguir a readmissão em uma universidade.

Quando falaram aos pais a respeito de sair em missão, os dois jovens esperavam uma oposição implacável. Talvez eles não tenham negado sua permissão aos élderes Moreira porque eram gratos pela influência da Igreja na vida de seus filhos. Os pais, no entanto—especialmente a mãe de Tino e Quim—resistiam à idéia de mudar de religião.

A influência do evangelho continuou a atuar na vida da família de Quim e Tino. Pouco depois que Tino entrou no campo missionário, seu pai, estava pronto para o batismo. Tino, que estava trabalhando em local próximo, teve o privilégio de batizá-lo. A mãe deles a princípio recusava-se até a ler as cartas que os filhos mandavam do campo missionário. No entanto, Quim enviou uma carta para casa, com uma oração especial para que ela a lesse e fosse tocada. Sua oração foi respondida, e não demorou muito para que ela fosse batizada por seu marido.

Tanto Tino como Quim encontraram tesouros de força espiritual no campo missionário. Quim lembra-se de ensinar uma viúva cujo marido havia passado boa parte da vida como missionário de outra igreja. A mulher concordara em ouvir as palestras missionárias porque sua filha era SUD, mas durante uma das palestras, ela achou que era muito difícil aceitar a idéia de que os ensinamentos de sua igreja não eram corretos. “Élder Moreira”, disse ela, “não quero ouvir mais nada dessa doutrina. Vou trabalhar

para acabar a obra missionária que meu marido começou!” Rapidamente, Quim fez uma oração silenciosa, perguntando o que dizer. Ele foi inspirado a assegurar à mulher que seu marido já havia aceitado o evangelho no mundo espiritual.

Posteriormente, a filha da mulher disse a Quim que, depois de fazer sua oração pessoal naquela noite, ela se deitara pensando em como ajudar sua mãe a aceitar o evangelho. De repente, “vi meu pai em meu quarto. Ele disse: ‘Os missionários disseram a verdade, e quero que sua mãe seja batizada.’”

Devido à experiência de sua filha, a mãe concordou em ouvir os missionários novamente. Desta vez, havia um espírito diferente nela; ela foi batizada uma semana depois.

Para Tino, o cumprimento da missão tomou um rumo inesperado. O adiamento do serviço militar obrigatório não é concedido aos missionários portugueses, e Tino foi convocado para a força aérea de seu país. Ele ainda se lembra do conselho de R. Perry Ficklin, então presidente da Missão Portugal Lisboa, que explicou que a missão do élder Moreira não havia terminado, que ele estava apenas sendo “transferido para uma outra área—uma área mais difícil”. Tino chegou a ensinar e batizar muitas pessoas na força aérea.

Quim também tem conseguido mostrar o evangelho para muitos colegas de trabalho desde o fim da missão. A vida dos dois irmãos, na verdade, tem andado por caminhos paralelos em muitos sentidos. Ambos estão casados agora—

com duas irmãs, também com o sobrenome Moreira! Tanto Tino quanto Quim, agora na faixa dos vinte e poucos anos, estão profundamente envolvidos em chamados de liderança na Igreja. Sua dedicação é tão grande que Quim serviu ao mesmo tempo como segundo conselheiro no bispado de sua ala, como sumo conselheiro na estaca, e como presidente da missão da estaca. Tino também serviu como presidente do quorum de élderes, como primeiro conselheiro na presidência da missão da estaca e como diretor do programa educacional da Igreja em sua área. (Tino agora trabalha para a Igreja em Lisboa, enquanto Quim ainda mora no Porto.)

Foi difícil ter todos esses cargos e ainda cumprir suas outras responsabilidades na vida?

Eles nem pensaram nas dificuldades, diz Tino em sua simplicidade. “Quando escolhemos uma missão, escolhemos ser ativos na Igreja.”

Dois dos amigos de Tino a quem ele falou sobre o evangelho—José Gouveia Pereira e Hernani Cerqueira—também cumpriram missão. Tino, Quim, José e Hernani ajudaram a trazer mais de cem pessoas para a Igreja e continuam a ser missionários até agora—muito depois de terem terminado sua missão de tempo integral.

Tino admite, que nada disso poderia ter acontecido sem “aquela primeira sementinha”, plantada pelas missionárias que bateram à sua porta.

“E agora”, diz ele, com um misto de espanto e entusiasmo, “a árvore continua a crescer—e bem depressa!” □



FOTOGRAFIA DO AUTOR

A CIDADE DO PORTO AO NORTE DE PORTUGAL, ONDE OS IRMÃOS MOREIRA SE AFILIARAM À IGREJA. OS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS CHEGARAM AO PORTO EM 1976. EM JULHO DE 1987, A SEGUNDA MISSÃO DE PORTUGAL FOI CRIADA LÁ.

COMEÇAR AS COISAS

RICHARD DANIELS

QUANDO ESTAS CRIANÇAS ESTABELECEM UMA META MISSIONÁRIA, NÃO TINHAM IDÉIA DE QUE IRIAM INFLUENCIAR UMA FAMÍLIA DO OUTRO LADO DO MUNDO.

Kim e Neal Davis estavam ficando nervosos. Veja, eles vêm de uma família que acredita em estabelecer metas e depois fazer tudo o que se pode para alcançar essas metas. Quando eles, seus pais, e seus quatro irmãos e irmãs estabelecem uma meta em família, não há como fazê-los parar.

É por isso que nesta ocasião eles estavam começando a ficar ansiosos. O tempo se esgotava. Eles haviam estabelecido a meta de levar o evangelho a uma nova família a cada seis meses, e chegara a última semana desse prazo, e não haviam encontrado nem mesmo uma família interessada.

Eles haviam cumprido essa meta muitas vezes no passado. Quando os Davis moravam em Boston, Massachusetts, e em Washington, D.C., onde havia poucos membros da Igreja, eles conseguiram levar o evangelho a muitas famílias. "Nós não só costumávamos levá-los a nossa casa para ouvirem as palestras missionárias", diz Kim, 14, a filha mais velha, "mas também os convidávamos para as noites familiares, para os programas especiais de Natal, e para outras atividades."

Agora a família estava morando em

APRENDI QUE GOSTO MUITO DE UMA FAMÍLIA GRANDE. GOSTARIA DE TER UMA FAMÍLIA COMO ESSA UM DIA.

— ZSOLT KERESZTI

AMO ZSOLT COMO A UM IRMÃO E SEUS PAIS, GEDEON E PIROSKA, SÃO COMO AVÓS PARA MIM.

— CINDY DAVIS



FICAMOS MUITO
EMOCIONADOS AO
VER COMO ESTAVAM
ACEITANDO O EVAN-
GELHO NA HUNGRIA.
— KIM DAVIS

NOSSA EXPERIÊNCIA
COM OS KERESZTI É
VERDADEIRAMENTE
UMA DAS MAIORES
BÊNÇÃOS EM
NOSSAS VIDAS.
—IRMÃO KIM DAVIS

Utah, e não era tão fácil achar famílias de não-membros com quem compartilhar o evangelho. O final do período de seis meses se aproximava, e eles não haviam encontrado ninguém. Os Davis sabiam que seu desejo era justo, e, assim, fizeram orações familiares e jejuaram. Cada um dos seis filhos pediu ajuda em suas orações pessoais.

E então, no último dia do sexto mês, suas orações foram respondidas.

“Meu pai costumava receber correspondência do exterior, de médicos que pediam cópias de artigos”, explica Kim. Seu pai, Dr. Kim Davis, tem relatórios de sua pesquisa médica publicados em várias revistas médicas. “Assim, quando ele recebeu a carta da Hungria, não achou que haveria algo de incomum nela, até que abriu o envelope e leu o conteúdo.”

“Ficamos tão emocionados!” diz Neal, com 12 anos. A carta era de uma família da Hungria—os Kereszti. Eles haviam visto um documentário sobre Utah na televisão nacional da Hungria, e nele se mencionava a Igreja e algumas de suas crenças. O que mais havia impressionado os Kereszti foi a idéia de que as famílias poderiam ficar juntas eternamente. Eles queriam saber mais sobre uma igreja que ensinava uma crença assim, e então, o pai, médico, e o filho, estudante de medicina, procuraram em revistas médicas antigas um endereço em Utah. O que eles acharam por coincidência era o do Dr. Davis. A família húngara perguntava se sua carta ao Dr. Davis poderia ser enviada a alguém que lhes informasse sobre a





FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

OS DAVIS SÃO UMA FAMÍLIA LIGADA À MÚSICA E COMPARTILHARAM SEUS TALENTOS COM ZSOLT. EM TROCA ELE LHE ENSINOU UM POUCO DA CULTURA HÚNGARA. "FEZ JANTARES

HÚNGAROS PARA NÓS, E ENSINOU-NOS UM POUCO DE HÚNGARO", DIZ KIM. CONTUDO, UMA DAS MAIS EMOCIONANTES EXPERIÊNCIAS QUE COMPARTILHARAM FOI QUANDO DA

VINDA DOS PAIS DE ZSOLT DA HUNGRIA PARA SEREM SELADOS COM ELE NO TEMPLO DE LAGO SALGADO.

Igreja.

Naturalmente, não havia necessidade de que a família Davis enviasse a outrem o pedido dos Kereszti. Imediatamente, eles reuniram todas as informações sobre a Igreja que puderam encontrar em húngaro, e as enviaram aos seus novos amigos.

Depois eles escreveram seu testemunho do evangelho. Puseram-no em um envelope, junto com fotos da família, e enviaram tudo para os Kereszti também.

Os Kereszti ficaram surpresos quando receberam uma grande caixa dos Estados Unidos com tanta rapidez e avidamente começaram a ler o material. Ficaram ainda mais surpresos quando receberam a carta e descobriram que uma família tão grande podia ser tão unida e tinha testemunho tão forte do evangelho. Embora os Kereszti tivessem um só filho, sentiam a mesma coisa em relação à união da família e ficaram entusiasmados por acharem alguma coisa para ajudá-los.

Logo os Davis e os Kereszti estavam se correspondendo e trocando fotos com freqüência. "Tornamo-nos muito amigos", diz Kim. Quando recebemos uma carta deles, nós a passamos uns para os outros, para que todos a leiam, e costumamos lê-la na noite familiar. Ficamos muito emocionados ao ver como estavam aceitando o evangelho na Hungria, e quase não acreditávamos que uma coisa tão maravilhosa estivesse acontecendo conosco."

Nessa época, os Davis entraram em contato com o presidente da missão em Viena, Áustria. Por intermédio dele, os Kereszti puderam ter as palestras missionárias aproximadamente uma vez por mês.

"Quando recebemos a carta dizendo que eles seriam batizados em Viena, Áustria, foi realmente emocionante", diz Neal. "E quando recebemos as fotos tiradas depois do batismo deles, foi maravilhoso!"

Seria bom terminar a história de Kim e Neal aqui, mas há mais coisas. O filho dos Kereszti, Zsolt, era o único adulto solteiro SUD na Hungria, e, assim, o Dr. Davis convidou-o para vir para Salt Lake e morar com a família por algum tempo. Uma vez que Zsolt tinha treinamento médico, ele pôde ajudar o Dr. Davis em sua pesquisa.

Assim, os esforços missionários dos Davis resultaram em um novo irmão mais velho para a família. Que lhes parece ter de repente um amigo da Hungria que se muda para sua casa?

"Lembro-me do dia em que ele chegou", diz Kim. "Não conseguíamos nem mesmo pronunciar seu nome, mas desde então nos tornamos verdadeiramente amigos. Vou ao semi-

nário pela manhã, e ele me leva de carro. Ele foi à nossa escola e deu uma palestra, fez jantares húngaros para nós, ensinou-nos um pouco de húngaro, e fizemos uma porção de outras coisas especiais juntos."

"Eu era um pouco tímido a princípio", diz Neal, que era o filho mais velho da casa quando Zsolt chegou. "Nós saímos juntos e jogamos peteca e pingue-pongue, e nos acostumamos uns com os outros. Vindo de uma família em que era filho único, ele é muito paciente conosco."

Quanto a Zsolt, ele ficou encantado por ter sido acolhido no seio de uma família SUD forte. Ele está fascinado com a união deles, com a oração familiar, com o estudo das escrituras, e com a noite familiar, e está surpreso com o apoio que dão uns aos outros. Os Davis são uma família ligada à música e muitas vezes tocam vários instrumentos juntos. Também gostam de atletismo, e sempre assistem às partidas e atividades esportivas de que cada um deles participa.

"Aprendi que gosto muito de uma família grande", diz Zsolt. "Para mim, é muito proveitoso observar e aprender como eles fazem tudo. Eles estabelecem metas e incentivam uns aos outros. Gostaria de ter uma família como essa um dia."

Quando fazia mais de um ano que Zsolt estava com os Davis, recebeu dos pais e das autoridades da Igreja a notícia de que a Igreja havia sido oficialmente reconhecida na Hungria. Isso significava que podiam organizar ramos, fazer batismos no país, estabelecer capelas, e realizar a obra missionária. Os pais de Zsolt, que estavam entre os primeiros membros da Hungria, tiveram um papel muito importante nesses acontecimentos. Como têm uma ligação muito forte com a Hungria agora, essa notícia deixou Kim e Neal radiantes.

Eles, porém, não pararam de compartilhar o evangelho com seus amigos não-membros. "Primeiro, temos de amar o evangelho, saber que ele é verdadeiro, e ter o nosso próprio testemunho", diz Kim. "E depois não podemos deixar de compartilhá-lo com nossos amigos."

"Às vezes é difícil, mas não podemos ter medo de falar do evangelho com nossos amigos", diz Neal. "Depois que você começa, fica mais fácil."

Começar. É isso que é necessário. Quando estabeleceram sua meta em relação à obra missionária, os Davis não imaginavam que pessoas do outro lado do mundo seriam influenciadas, ou que teriam mais amor e emoção em seu lar por intermédio de alguém vindo de uma outra cultura.

Isso apenas prova o que pode acontecer a partir do momento em que começamos a agir. □

O PROJETO WILLARD WATTS

ALMA J. YATES

“Vamos lá, rapazes”, disse o irmão Loder, interrompendo nossa discussão sobre a partida de basquete que nosso time havia perdido na noite anterior. “Temos um projeto de serviço em que pensar.”

O irmão Loder inclinou-se para a frente, usando seu terno escuro, colocou os braços nos joelhos e segurou o seu calendário preto de bolso diante de si. O irmão Loder era vice-presidente de um dos bancos da cidade e tudo o que fazia era sempre preciso, correto e meticuloso. Estudou o calendário por um momento e perguntou: “Bem, rapazes, o que vamos fazer?”

A sala ficou em silêncio. Eu sempre odiei essa parte de nosso planejamento. Os projetos de serviço nunca foram muito de meu agrado. Não me importava em realizá-los, mas ter a idéia era sempre um problema. Eram sempre muito semelhantes.

“A irmã Seymour talvez precise de ajuda”, sugeriu o irmão Loder depois de observar nosso súbito silêncio.

“Sim, parece uma boa idéia”, murmurou Chris Frei sem convicção. “Ela sempre precisa de alguma coisa.”

Eu me inclinei para trás na cadeira e me estiquei. “As viúvas sempre são ajudadas”, murmurei. “Vamos fazer alguma outra coisa este mês.”

“Alguma sugestão, Kyle?” perguntou o irmão Loder, olhando para mim e ajustando a gravata, que não precisava ser ajustada.

Pensei um minuto. “Que tal escolhermos um viúvo para ajudar?”

Brad e Chris começaram a rir, enquanto o irmão Loder balançava a cabeça e me olhava com impaciência.

“Poderíamos ativar Willard Watts”, sugeri, tentando muito não sorrir.

“Kyle, podemos voltar ao nosso planejamento?”, disse o irmão Loder, com severidade.

“O que há de errado em ativar o irmão Watts?”, perguntei.

“Kyle, pertenco à Ala 12 desde criança. Que eu saiba, o irmão Watts entrou duas vezes nesta igreja nesse tempo todo. Uma vez para o funeral da esposa e outra vez para o funeral de um amigo. Ele fuma. Ele blasfema. Durante muitos anos ele nem mesmo deixou que os mestres familiares entrassem em sua casa. Ele é um élder em perspectiva desde que saí para *minha* missão.”

“Bem, acho que já é hora de o fazermos vir à igreja.”

“Kyle, queremos terminar este planejamento em poucos minutos.”

“E então vamos simplesmente desistir de ajudá-lo?”

“Kyle, ele desistiu de si próprio há muito tempo.”

Como nosso estômago estava roncando de fome e queríamos ir para casa almoçar, a irmã Seymour foi indicada como nosso projeto de serviço daquele mês, mas ao sair da igreja e caminhar para casa no ar frio do inverno, não podia deixar de pensar em Willard Watts e de imaginar o que significava ser deixado de lado por todos.

Willard morava apenas a cinco casas da minha, numa casa pequena de tijolos



ILUSTRAÇÃO DE ROGER MOTZKUS

vermelhos com uma grande garagem. Ele trabalhava como mecânico de automóveis havia muitos anos, e, assim, montara uma oficina em sua garagem para fazer consertos nas horas livres. Era um homem idoso, atarracado, com cabelos grisalhos e curtos, cabeça redonda e nariz chato. Raramente falava ou sorria, e parecia estar sempre de mau humor.

Antes de entrar em casa naquela tarde de domingo, olhei em direção à casa do irmão Watts, onde alguns montículos de neve caída havia tempo se acumulavam no gramado. Seu velho caminhão estava parado na frente da casa e as cortinas da sala estavam bem fechadas.

Minha mãe chamou-me para o jantar e isso me fez esquecer completamente de Willard.

Quatro dias depois, uma tempestade de inverno trouxe dezoito centímetros de neve durante a noite. Meu pai acordou-me de manhã, pôs uma pá em minha mão, e ordenou-me que limpasse a neve da calçada em frente da casa. Lembrou-me bondosamente que teria de correr para chegar à escola na hora certa. Resmunguei o tempo todo, mas trabalhei rapidamente, para sair do frio. Estava quase entrando no calor da casa para tomar o café da manhã quando olhei em direção à casa do irmão Watts. A casa estava escura; a neve em volta da casa não havia sido tocada. Por um minuto, fiquei pensando. Então fiz uma das coisas mais loucas que já pratiquei na vida. Desci a rua e comecei a limpar a neve da calçada em frente à casa do irmão Watts.

"O que você está fazendo, rapaz?!", rosnou uma voz atrás de mim quando estava aproximadamente na metade do trabalho.

Assustado, voltei-me e vi Willard Watts em pé na porta da frente da casa. Suas mãos estavam nos bolsos da velha jaqueta, e o pescoço encolhido na gola do casaco.

Encolhi os ombros. "Estou apenas tirando um pouco de neve para manter a forma." Dei pancadinhas com a pá no cimento e bati o pé, para tirar a neve.

"Eu mesmo limpo minha neve. Não posso pagar você, se é isso que está querendo."

"Eu não estava pensando nisso", respondi, voltando ao meu trabalho.

Ele ficou observando por um momento e depois entrou novamente na casa. Eu continuei a limpar a neve. Enquanto trabalhava, fiquei imaginando o que fazia Willard comportar-se da maneira como se comportava. Logo terminei de limpar a neve, pus a pá nos ombros e comecei a caminhar em direção à minha casa.

"Ei, rapaz!" chamou o irmão Watts na porta da frente.

Ele desceu os degraus e tinha nas mãos três notas de um dólar. "Este é todo o dinheiro que tenho", murmurou ele. "Costumo fazer meu próprio trabalho."

Olhei para os três dólares. "Não fiz isso por dinheiro."

Ele parecia surpreso. "Você é o filho de Tom Jordan, não é?"

Inclinei a cabeça, confirmando.

"Ele lhe pediu que fizesse isso?"

Balancei a cabeça, negando, e disse que estava atrasado para a escola.

Três vezes mais limpei a neve em frente da casa do irmão Watts. Cada vez que eu terminava, ele vinha com algumas notas de um dólar e queria dá-las a mim. Todas às vezes, eu as recusei.

A última vez que limpei a neve foi no fim de março, depois de uma tempestade ter deixado bastante neve no chão. Ele veio com uma nota de vinte dólares. "Pegue-a", insistiu ele, empurrando para mim.

Ri, balançando a cabeça. "Estou fazendo isso para manter a forma", disse.

"Quem mandou você fazer isso?", perguntou ele.

Olhamos um para o outro por alguns segundos, sem falar. Era uma pergunta que eu havia feito a mim mesmo. Uma das razões remontava ao fato de que todos o haviam riscado como mais uma estatística negativa da Igreja. Desde aquela primeira manhã, eu sentira pena de Willard Watts, vivendo sozinho em sua casa, simplesmente esperando que a vida acabasse. Todos mereciam mais do que isso da vida. Era possível que a próxima vez que ele comparecesse à igreja, fosse para ver o seu próprio funeral. "Acho que só pensei que o senhor . . ." hesitei, mordendo meu lábio inferior. "Tenho de ir", murmurei. "Não quero me atrasar para a escola."

Willard tirou um cigarro, colocou-o no canto da boca, e o acendeu. Inalou profundamente, e, ao exalar, murmurou, quase como se não quisesse que eu ouvisse: "Bem, obrigado."

Certa manhã de sábado, no fim de abril, os Rapazes e as Moças planejaram um dia de limpeza no quintal da irmã Seymour. Brad Hunt e Chris Frei vieram à minha casa para que pudéssemos ir juntos. No caminho, vi Willard Watts em seu quintal fazendo uma cerca.

"A irmã Seymour vai ter mais pessoas do que precisa", observei, parando.

"Se você não participar de outro projeto de serviço", sorriu Chris. "O irmão Loder vai pedir que você vá falar com o bispo."

"Ninguém vai deixar de participar. Estamos apenas mu-

dando os projetos. Você pode telefonar para a casa da irmã Seymour e comunicar-lhe que não podemos ir.

“O irmão Watts precisa de ajuda.”

“O velho Watts?”, resmungou Brad. “Ele não se deixaria ajudar mesmo que você quisesse.”

Fui entrando no quintal de Willard.

“Você está falando sério?”, perguntou Brad.

Eu simplesmente continuei a andar.

Brad e Chris hesitaram por um momento, mas sua curiosidade venceu e eles logo me seguiram.

“Bem, o que quer que façamos?” perguntei a Willard com alegria.

Willard ergueu os olhos fixos no buraco que estava cavando para a estaca. Limpou a boca com as costas da mão, olhando primeiro para mim e depois para Chris e Brad. “Não posso pagar vocês”

resmungou ele.

Peguei uma pá. “O que quer que façamos?”

Por um momento, a situação foi constrangedora, mas depois Willard viu que não íamos sair, e então deu algumas instruções, resmungando, e começamos a trabalhar. Brad e Chris a princípio pensaram que eu estivesse louco, mas não desistiram. Era um projeto maior do que qualquer um de nós tinha previsto, mas continuamos a trabalhar.

Willard fumava um cigarro atrás do outro durante quase todo o dia e, de vez quando, dava algumas instruções entre grunhidos. Várias vezes ele disse que devíamos ir embora, que tínhamos feito tudo o que se podia esperar que fizéssemos, mas nós ficamos até que o trabalho estivesse pronto, o que aconteceu por volta das quinze horas.

Quando estávamos ajudando Willard a

“BEM, O QUE QUER QUE FAÇAMOS?”, PERGUNTEI ANIMADAMENTE. POR UM MOMENTO A SITUAÇÃO FOI CONSTRANGEDORA, MAS DEPOIS WILLARD VIU QUE NÃO ÍAMOS SAIR, E ENTÃO DEU ALGUMAS INSTRUÇÕES.



guardar as ferramentas, Brad disse: “Bem, eu tenho de ir. Preciso trabalhar no meu carro.”

“Desde quando aquele seu carro velho funciona?”, perguntou Chris.

“Não disse que ele estava funcionando. Disse que tinha de trabalhar nele.”

“Que tipo de carro você tem?”, perguntou Willard.

“Ah, é um velho modelo 1972”, disse Brad.

“Talvez eu possa dar uma olhada nele um dia desses”, ofereceu-se Willard.

“Não é um carro ruim”, disse Brad.

“É verdade”, disse eu, “tudo funciona, menos o motor.”

Naquela noite, Willard passou pela casa de Brad e rebocou o carro até sua garagem.

No dia seguinte, na reunião do quorum, o irmão Loder disse que sentia muito que nós três não tivéssemos podido ir à casa da irmã Seymour para o projeto de serviço.

“Encontramos outro projeto que era mais urgente”, expliquei.

“Ah, é verdade?”

“Sim. Estávamos ajudando o irmão Watts.”

Todos no quorum começaram a rir, exceto Brad e Chris. Olhei à minha volta, sem sorrir. Em janeiro, quando eu havia mencionado o nome de Willard pela primeira vez, até teria gostado dos risos, porque Willard fora apenas uma brincadeira então, mas os últimos três meses haviam-no transformado em uma pessoa e, finalmente, num amigo. Eu soube então que não havia perdido o projeto de serviço da irmã Seymour apenas para fazer alguma coisa por mim mesmo. Eu havia estado na casa de Willard porque realmente queria estar lá.

Uma semana depois, Willard me telefonou e perguntou se eu poderia levar Chris e Brad até a casa dele. Fiquei surpreso. A última pessoa que eu imaginara que poderia telefonar-me era Willard.

Quando nós três chegamos, Willard estava na garagem. O velho carro de Brad estava estacionado no meio da garagem. Willard pôs a mão no bolso e tirou as chaves do carro de Brad e as jogou para ele. “Veja o que acha.”

Brad pegou as chaves. “Funciona?”, perguntou ele.

Willard encolheu os ombros e virou-se, indo para sua bancada e empurrando um conjunto de chaves inglesas. “Experimente”, foi tudo o que ele disse.

Lentamente, Brad colocou a chave na ignição e virou-a. O motor fez um barulho agradável e suave, quase

como um gato ronronando.

“Não acredito”, disse Chris com a voz entrecortada.

“O que você fez com o carro?” exclamou Brad.

Willard virou-se, com o rosto inexpressivo, mas seus olhos brilhavam de prazer. “Nunca desista de um carro bom como esse.”

“Quanto lhe devo? Quero dizer—quanto custou tudo?”

“Não me custou nada. Alguns ‘ferros-velhos’ nas redondezas me devem favores. Eles encontraram as peças

“NUNCA DESISTA DE UM CARRO BOM COMO ESSE”, WILLARD NOS DISSE. DEPOIS DISSO, PARECIA QUE BRAD, CHRIS E EU ESTÁVAMOS SEMPRE NA CASA DE WILLARD.

TRABALHÁVAMOS NA GARAGEM DELE, BEBERICÁVAMOS REFRIGERANTES NO DEGRAU DA FRENTE E CONVERSÁVAMOS SOBRE ESPORTES. NÓS ATÉ O PROVOCÁVAMOS COM RELAÇÃO AO CIGARRO.



para mim.”

Depois disso, parecia que Brad, Chris e eu estávamos sempre na casa de Willard. Trabalhávamos na garagem dele, bebericávamos refrigerantes no degrau da frente e conversávamos sobre esportes. Nós até o provocávamos com relação ao cigarro. Dizíamos que cada vez que ele fumava um cigarro, estava jogando fora trinta minutos de vida.

Ele sorria e balançava a cabeça. “Estou fazendo isso há muito tempo para parar agora.” Depois disso notamos que, quando chegávamos, ele jogava o cigarro fora.

Então, uma tarde, quando estávamos sentados em sua garagem, ele parecia mais nervoso do que o costume. Não parava de esfregar as mãos nas calças, de coçar a nuca, de andar de um lado para o outro, e de arrastar os pés.

“Em que está pensando, Willard?, perguntou Brad.

Willard balançou a cabeça, mas sua tentativa mais parecia

uma careta. Ele coçou a barba. “Joguei fora meus cigarros. Faz alguns dias que não fumo, mas não sei se posso continuar.”

Por um momento, nós três ficamos calados. Então Chris deu um salto. “Você vai conseguir, Willard. Você só precisa de alguma coisa para afastar o pensamento do cigarro. Você masca chiclete?”

“Eu poderia mascar as unhas neste momento.”

“Você também precisa estar ocupado”, sugeri. “Tenho um tio que deixou de fumar. Ele disse que a única coisa que fez com que isso fosse possível era estar ocupado. Ele trabalhava até ficar exausto.”

Até o fim daquele dia nós ficamos com Willard e o ajudamos a esquecer o cigarro. Eram quase dez horas quando o deixamos, mas ele havia superado a vontade de fumar. Que eu saiba, nunca mais fumou um cigarro.

“Ei! Willard, queremos pedir um favor”, disse eu certa tarde quando estávamos trocando o óleo do carro de Brad. “Estamos encarregados de um jantar na igreja neste fim de semana.” Encolhi os ombros e senti o rosto ficar vermelho. “O pessoal da ala está organizando um jantar para algumas pessoas de mais idade. Não quero dizer que o achamos velho, ou algo assim”, acrescentei rapidamente, “mas queremos você lá. Você gostaria de ir?”

Willard levantou a cabeça, seus olhos se fixaram em cada um de nós, e depois ficaram presos no motor do carro. Por um bom tempo ele não falou. Lentamente, tirou um pano velho do bolso traseiro e limpou as mãos. Havia um sorriso amarelo em seus lábios. “A última vez que estive na Igreja foi quando minha mulher faleceu, há mais de três anos. E fazia muito mais tempo antes disso. Houve momentos em que eu quis voltar, mas não conseguia pensar em uma razão suficientemente boa. E não há lá ninguém que eu conheça.”

“Você tem uma desculpa agora. Vamos ter comida boa. E você nos conhece. Vamos estar lá”, salientei.

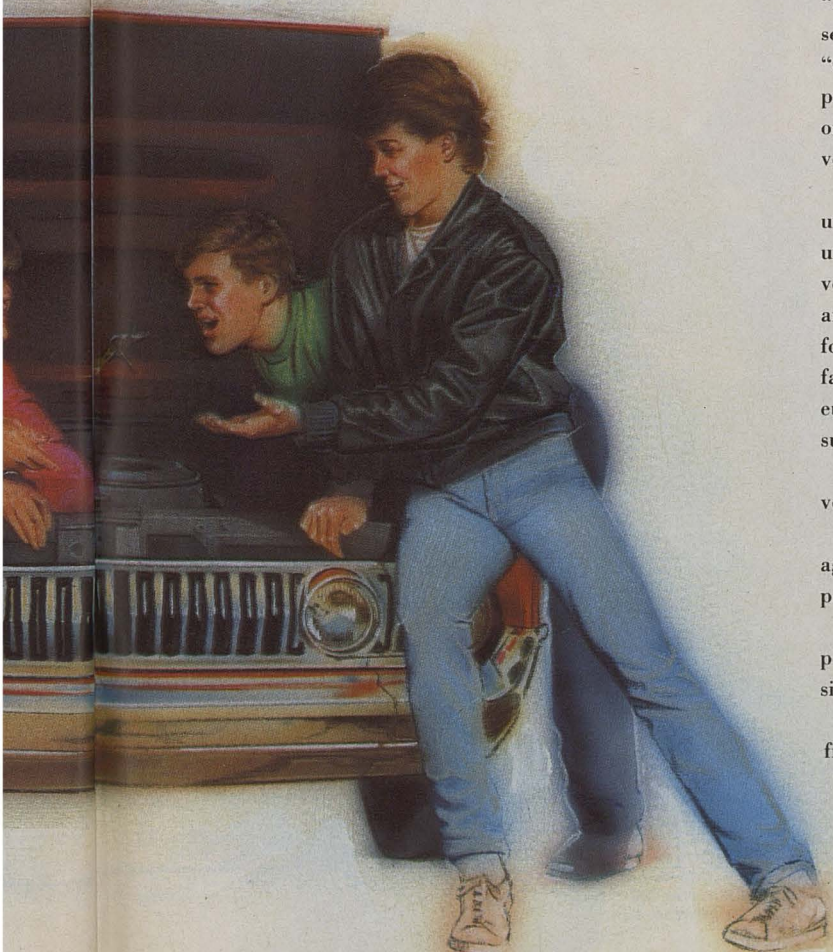
“Por que vocês haveriam de querer que eu vá a um jantar agradável e elegante com vocês?”, perguntou ele sem olhar para nós.

Por um momento não respondi, meditando sobre a pergunta. “Porque você é nosso amigo”, respondi simplesmente.

Ele balançou a cabeça. “Não sei se poderia. As pessoas ficariam encarando. Elas imaginariam por que — ”.

“Você vai estar conosco”, disse Brad. “O tempo todo. Prometemos.”

Todos esperamos, retendo a respiração. Willard pensou por muito tempo. Finalmente, seu rosto se



abrandou com um sorriso e ele disse: "Bem, vou pensar no assunto."

Na noite do jantar eu estava nervoso. Brad havia prometido ir buscar Willard, enquanto Chris e eu ajudávamos a aprontar as coisas na igreja.

"Vocês convidaram alguém para esta noite?", perguntou o irmão Loder, enquanto eu carregava a comida da cozinha até a mesa onde seria servida no salão cultural.

"Willard Watts."

O irmão Loder suspirou. "Quando você vai esquecer essa idéia de trazer Willard Watts?" Ele sorriu e balançou a cabeça. "No dia em que fizerem Willard entrar nesta capela, pagarei a vocês a maior refeição que já tiveram na vida."

Exatamente nesse minuto, Chris e Brad entraram pela porta do outro lado do salão cultural com Willard. O irmão Loder estava de costas para eles e por isso só notou que eles se aproximavam quando estavam bem atrás dele. Quando ele

se virou, ficou boquiaberto, tamanha foi a sua surpresa.

"Irmão Loder", comecei a dizer, "gostaria que conhecesse um grande amigo nosso, o irmão Watts."

Por um momento, o irmão Loder mal conseguia falar. Depois, estendeu a mão e cumprimentou Willard. "Ouvi falar muito do senhor", balbuciou. "Os rapazes falaram muito do senhor." Ele olhou para nós três e depois novamente para Willard. "Acho que posso acreditar em tudo o que eles me disseram."

Willard inclinou a cabeça. "Eles são ótimos rapazes. Acho que pode acreditar no que eles dizem."

Quando Brad e Chris se afastaram com Willard, o irmão Loder virou-se para mim e murmurou: "Eu nunca teria acreditado. Acho que lhes devo um grande jantar."

Eu balancei a cabeça, mal conseguindo controlar minha alegria. "Esqueça", disse eu, sorrindo. "Certas coisas a gente não faz para ganhar uma refeição." □

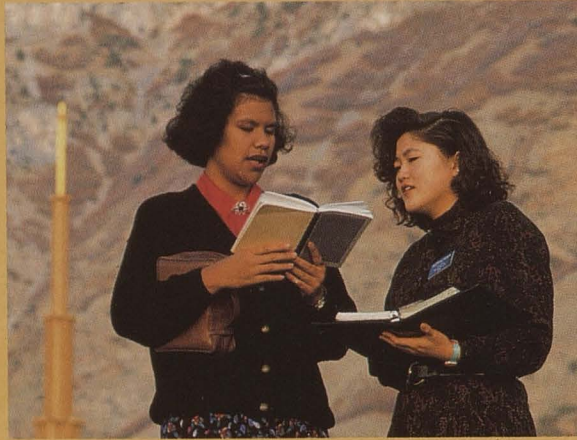
"NO DIA QUE FIZEREM WILLARD ENTRAR NESTA CAPELA,
PAGAREI A VOCÊS A MAIOR REFEIÇÃO QUE JÁ TIVERAM NA
VIDA."





“AMON E O REI LAMÔNI” DE SCOTT SNOW

DURANTE SUA MISSÃO DENTRE OS LAMANITAS, AMON, UM DOS FILHOS DE MOSIAH, DIRIGIU-SE À TERRA DE ISMAEL. ELE FOI PRESO E LEVADO DIANTE DE LAMÔNI, O REI DA TERRA. AMON ENCONTROU FAVOR NOS OLHOS DE LAMÔNI E FOI-LHE PERMITIDO QUE FICASSE E TRABALHASSE COMO UM SERVO NA CASA DO REI. MAIS TARDE, AMON SALVOU OS REBANHOS DO REI DE SEREM DISPERSADOS POR INIMIGOS. O REI LAMÔNI QUERIA SABER MAIS A RESPEITO DE AMON. AMON FICOU DIANTE DO REI E RESPONDEU A SUAS PERGUNTAS A RESPEITO DE DEUS, DE JESUS CRISTO E DO EVANGELHO. O REI LAMÔNI FOI DOMINADO PELO ESPÍRITO E CONVERTIDO. EM BREVE, MUITAS PESSOAS DO POVO DE LAMÔNI SEGUIRAM SEU EXEMPLO E TORNARAM-SE UMA GRANDE FORÇA PARA ESTABELECEER O REINO DE DEUS DENTRE OS LAMANITAS. (VIDE ALMA 17-19.)



“**P**ortanto, se tendes o desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho; pois eis que o campo já está branco, pronto para ceifa; e eis que aquele que lança a foice com toda sua força, põe em reserva para que não pereça, e traz salvação à sua alma (D&C 4:3-4).”